COLEÇÃO

SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

VOLUME 5

As classes secundárias experimentais

UM ENSAIO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Fábio Garcez de Carvalho
Jéssica de Azevedo Gomes
Isabel Leanza Machado

UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

UFRJ

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fábio Garcez de Carvalho
Jéssica de Azevedo Gomes
Isabel Leanza Machado

VOLUME 5

As Classes Secundárias Experimentais no Colégio de Aplicação da UFRJ:

UM ENSAIO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

UNIRIO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UFRJ
FAPERJ Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Reitor: Roberto de Andrade Medronho
Vice-Reitora: Cássia Curan Turci

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Decano: Vantuil Pereira
Substituto eventual: Paulo Cesar Castro

Faculdade de Educação
Diretora: Ana Paula de Abreu Costa de Moura
Vice-Diretora: Silvina Julia Fernández

Programa de Estudos e Documentação, Educação e Sociedade - Proedes/UFRJ
Coordenadora: Ana Lucia Cunha Fernandes
Vice-Coordenador: Jucinato de Sequeira Marques

PROJETO SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA - FAPERJ

Coordenadora: Libânia Xavier (Prof. Titular FE-UFRJ)
Vice-Coordenadora: Nailda Marinho (Prof. Titular FE-UniRio)

Bolsistas de Treinamento e Capacitação Técnica Faperj:
Fábio Garcez de Carvalho
(Doutor PPGEH-UFRJ / CAp-UFRJ e Prof. História)
Rodrigo Antunes Correa
(Mestre Prof. História / Colégio Estadual Dr. Feliciano Sodré – CEDFS / São Pedro da Aldeia)
Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana
(Mestre Prof. História / Escola Estadual Professora Cordélia Paiva - Duque de Caxias)
Flavia de Moura Osório Pereira Freire
(Mestre PPGEdu-UniRio / Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral – CEIAA)

Bolsistas de Iniciação Científica Faperj:
Ana Carolina Amim Molossi (IH-UFRJ)
Fabiane dos Santos Silva (FE-UFRJ)
Hugo Caetano Andrade Silva (EH-UniRio)
Jéssica de Azevedo Gomes (IH-UFRJ)
Larissa da Silva Candido Vanda (FE-UFRJ)
Laura Viana Pego (FE-UFRJ)
Lorena Oliveira de Araújo (FE-UFRJ)
Maria Guilhermina Tasso de Alcantara (IH-UFRJ)
Scarlet da Rocha Cunha (IH-UFRJ)

Bolsistas Jovens Talentos Faperj:
Isabel Leanza Machado (Aluna do CAp-UFRJ)
Kaike Barros Porto (Aluno CEDFS)
Clara de Souza Brandão (Aluna CEIAA)

Bolsistas de Extensão:
Rômulo Rodrigues Moraes Queiroz (EE-Unirio / Bolsista PIBEX – UniRio)
Viviane Beatriz Ribeiro Pontes Nunes (FE-UFRJ / Bolsista Profaex-UFRJ)

Preparação editorial
Supervisão: Libânia Xavier
Revisão: Ligia Cabral
Projeto gráfico e diagramação: Sense Design & Comunicação

Copyright © Autoras e autores
Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331 Carvalho, Fábio Garcez de.
As classes secundárias experimentais: um ensaio de inovação pedagógica / Fábio Garcez de Carvalho, Jéssica de Azevedo Gomes, Isabel Leanza Machado. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação, 2024.
80 p. : il. ¬¬-- . (Coleção sua Escola tem História; v.5)

ISBN (Coleção) 978-65-01-22353-7 (versão on-line).
ISBN 978-65-88-57920-6 (versão on-line).

1. Educação – História. 2. Inovação pedagógica. 3. Ensino secundário. 4. Escolas públicas. I. Gomes, Jéssica de Azevedo. II. Machado, Isabel Leanza. III. Coleção sua Escola tem História. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade.

CDD: 370.981

Elaborada por: Érica Resende (CRB-7 5105)

SUMÁRIO

A Coleção Sua Escola tem História 8

Prefácio, por Luísa Lamarão 11

Os caminhos da pesquisa e seus autores 14

- Ensino, pesquisa e formação docente na perspectiva experimental 14
- A licenciatura e a pesquisa como elos de minha formação profissional 16
- A minha história na história da escola em que estudei desde sempre 19

O Colégio de Aplicação e as Classes Secundárias Experimentais: a investigação em curso e o potencial das fontes escolares 22

- A construção das temáticas a partir da leitura das fontes 23
- Foi dada a partida: a implantação das classes secundárias experimentais no CAp da FNFi 25
- Os professores abraçam o projeto 30
- O projeto pedagógico: inovar em condições adversas 38
- O Colégio de Aplicação e a fluidez de seus espaços 47

O Colégio de Aplicação e a sua cultura **51**

As festas: encontros, afetos e sociabilidades 51
A Forja: o artesanato jornalístico 53
O grêmio estudantil 59
Os estudantes em ação 61

Considerações parciais **63**

Referências **67**

Anexos **71**

A COLEÇÃO SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

A **Coleção Sua Escola tem História** reúne os resultados do projeto de mesmo nome que recebeu suporte do Edital de Apoio à Melhoria das Escolas da Rede Pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro (2021-2024), financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). O ponto de partida foi promover o levantamento de estudos e pesquisas relacionados à memória e às histórias das escolas fluminenses, de suas experiências pedagógicas e da participação de seus sujeitos, promovendo a divulgação sistemática deste conteúdo ao público em geral.

Com uma equipe formada por quatro professores da educação básica, com bolsas de Aperfeiçoamento Técnico Faperj, mais os alunos dos cursos de graduação (com bolsas de Iniciação Científica Faperj, de Extensão Profaex-UFRJ e Pibex-UniRio) e, ainda, com alunos do ensino médio (com as bolsas Jovens Talentos Faperj), sob a supervisão das coordenadoras do projeto, foi possível realizar os levantamentos das histórias das quatro escolas conveniadas: o Colégio Estadual Dr. Feliciano Sodré (São Pedro da Aldeia - RJ); o Colégio Estadual Inácio Azevedo Amaral (Rio de Janeiro - RJ); a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva (Duque de Caxias - RJ); e o Colégio de Aplicação da UFRJ (Rio de Janeiro - RJ).

As instituições estão localizadas em diferentes regiões do estado e atendem aos ensinos fundamental e médio, assim como à formação de professores no curso Normal. Isso garante uma boa diversidade de questões e certa abrangência às atividades didáticas desenvolvidas,

como pode ser comprovado ao observar os temas abordados nos outros *e-books* da coleção.

Forjado nesse intercâmbio, os resultados do projeto articulam reflexões e ações atinentes ao ensino da História e à formação de professores em conexão com as atividades de pesquisa e extensão. Para além de um *site* e da divulgação nas redes sociais – Facebook e Instagram – os *e-books* visam promover a divulgação dos conhecimentos produzidos ao longo do tempo de duração do projeto (2022-2024). Nesse intuito, alguns *e-books* abordam aspectos das histórias das escolas conveniadas a partir de fontes documentais, de depoimentos orais, fotografias, plantas arquitetônicas e trabalhos de alunos, entre outras. Além disso, divulgam as atividades didáticas que foram experimentadas nessas escolas, tais como aulas especiais e oficinas, compondo o repertório de temas abordados.

Consideramos que a escola pública é uma instituição potente para a construção de um modelo de educação e de sociedade democráticos. Essa ideia ganha centralidade redobrada diante dos ataques que a escola pública, os professores e a pesquisa científica vêm sofrendo nos últimos anos, sobretudo a partir do ano de 2016, quando as escolas, os professores e as universidades públicas foram duramente atacados e, junto com eles, o conhecimento científico. Nesse contexto adverso, o estímulo ao desenvolvimento das atividades de extensão universitária e de divulgação do conhecimento produzido a partir do desenvolvimento de pesquisas científicas se tornou um imperativo.

Em tempos pós-pandemia, ainda marcados pela circulação de falsas informações e de ideias prejudiciais à saúde física e mental, reforça-se a importância do uso dos equipamentos de informática e das mídias digitais na comunicação com os alunos, com os nossos parceiros profissionais e com o público em geral, de modo a divulgar os conhecimentos balizados pela pesquisa científica e pelos saberes escolares. A

série de *e-books* - livros virtuais e gratuitos - atende, assim, aos objetivos que nortearam o projeto Sua Escola tem História, entre os quais destacamos os seguintes:

> Promover a preservação da memória e da história da educação, por meio do conhecimento e do registro de experiências pedagógicas relevantes, de lutas pelo direito à educação e de políticas educacionais que permearam as histórias de nossas escolas;
>
> Reconhecer o protagonismo dos sujeitos escolares, buscando dar visibilidade às suas memórias, *expertises* e opiniões;
>
> Chamar a atenção do público, em geral, para a importância da instituição escolar no acesso aos códigos letrados e às informações científicas, tão centrais na vida contemporânea;
>
> Dar maior visibilidade ao conhecimento da história das escolas, tendo em vista que esse conhecimento atribui sentido ao seu trabalho de socialização, de disseminação dos conhecimentos científicos e de construção de cidadania.

O volume 5 da Coleção Sua Escola tem História aborda as classes secundárias experimentais, um ensaio de inovação pedagógica de final dos anos 1950 que, aparentemente, fortaleceu a identidade do Colégio de Aplicação (CAp) da UFRJ como uma escola de excelência e contribuiu para temperar uma cultura conteudista, típica das escolas secundárias da época, com a presença de atividades culturais, como os festivais de música, e políticas, como o jornal A Forja, entre outras. A implantação das classes secundárias experimentais não foi uma experiência exclusiva, mas como poderá ver o leitor com base na leitura deste *e-book*, o seu impacto na história do CAp da UFRJ justifica o trabalho de dar visibilidade a esta experiência.

Libânia Xavier
Coordenadora
Projeto Sua Escola tem História

Nailda Marinho
Vice-coordenadora
Projeto Sua Escola tem História

PREFÁCIO, POR LUÍSA LAMARÃO

Quantas vezes você pode ter a oportunidade de ver parte da sua vida registrada ao ler uma obra acadêmica sobre a construção da cultura escolar? Este e-book, parte integrante da Coleção Sua Escola tem História, me permitiu ter essa experiência. Explico: como ex-aluna (entre os anos de 1990 e 2000) e atual professora de História do CAp UFRJ, percebi que algumas de minhas sensações com aquele espaço, impressões sobre o currículo, a organização escolar e a relação com os professores estavam diretamente relacionadas à história das classes secundárias experimentais desenvolvidas no distante período dos anos de 1950. Portanto, o convite para escrever o prefácio deste livro vem recheado de alegrias, memórias e importantes reflexões sobre minha trajetória discente e o ofício docente.

De forma sensível e competente, a presente obra trata de uma experiência pedagógica singular ocorrida no CAp UFRJ. Assim, desde a descrição sobre a escolha do tema a ser estudado, sua relevância no campo das pesquisas na área da educação e o destrinchar das fontes, somos conduzidos por um texto que demonstra as potencialidades de se analisar os caminhos percorridos em cada escolha pedagógica escolar. Como afirmam os autores, "o Colégio de Aplicação apresenta um leque muito vasto de possibilidades investigativas: as disciplinas escolares, os projetos de ensino, as mudanças curriculares, a cultura juvenil, o associativismo docente, a cultura escolar capiana. Sem dúvida, todos são temas que instigam a curiosidade, a continuidade e o aprofundamento da pesquisa".

A tese central que orienta a narrativa é de que as classes secundárias experimentais - projeto de reforma de ensino implementado nos anos 1950 e 1960 no CAp UFRJ - podem ter "contribuído para a construção de uma cultura escolar no Colégio de Aplicação, com seus códigos, práticas pedagógicas, laços identitários e linguagens, tendo sido reproduzida e ressignificada por diferentes gerações de professores e alunos". Nesse sentido, me vi representada nos meus dois níveis de vivência no Colégio de Aplicação, uma vez que uma das grandes lembranças que tenho como aluna é, por um lado, a horizontalidade das relações na escola, e hoje, como professora, percebo a importância da autonomia na construção do cotidiano em sala de aula. E o conjunto da análise das fontes disponíveis - como as fichas dos estudantes, relatórios, planos de curso, relatos de professores e edições do jornal A Forja, entre outras - demonstra que a inovação pedagógica vivida pela escola movimentou diferentes camadas da organização escolar a ponto de criar uma "herança não palpável" — a defesa intransigente da educação democrática e da sala de aula como espaço de troca.

Além disso, a contextualização histórica de tais mudanças nos permite fazer aproximações com a reforma do ensino médio, originalmente lançada no ano de 2016. A ânsia pela modernidade, característica dos anos de 1950 e a necessidade de adequação do ensino às novas demandas dos jovens brasileiros também podem ser vistas no Brasil dos anos 2000. E o CAp, mais uma vez, protagoniza propostas de inovação. Resultado dessa cultura escolar capiana, como afirmam os autores do livro?

Como uma das "herdeiras" desse legado, tendo a concordar com a pesquisa. Acredito - e o livro confirma minhas impressões - que a escola, esse corpo fluido, em constante transição, deve dar respostas às mudanças geracionais. E é com felicidade que me reconheço como um dos "ratos de laboratório" dessa experiência e, com orgulho, carrego

essa estrada em minha prática docente. A liberdade na abordagem da disciplina, a aula dialogada e crítica e a necessidade dos olhares múltiplos sobre um mesmo tema são apenas alguns dos frutos que as sementes das classes experimentais dos anos de 1950 plantaram nesse vasto campo de experimentações chamado Colégio de Aplicação da UFRJ.

Se, como mencionado no texto, "a escola tem uma única finalidade: a de educar", esta publicação confirma tal função; não reforçando o estereótipo do ensino como a transmissão unilateral de conhecimento do professor para os estudantes, mas ampliando esse entendimento para o fato de que a cada escolha pedagógica, mudança no currículo ou na grade horária se forma uma rede de novos conhecimentos que podem orientar ou inspirar novas gerações de estudantes, seja na educação básica ou superior. Como espaço de formação de professores, a história do CAp UFRJ cumpre a missão de fortalecer os vínculos com um projeto de educação democrático e plural e a presente pesquisa ilumina essa trajetória cheia de possibilidades.

Luísa Lamarão

1

OS CAMINHOS DA PESQUISA E SEUS AUTORES

Nada mais importante para conhecer os caminhos da pesquisa em curso do que uma breve apresentação do grupo de trabalho do projeto As classes experimentais, o ensino de História e a formação de professores no Colégio de Aplicação da UFRJ. Cada participante, com sua trajetória particular, contribuiu para dar um perfil à dinâmica do trabalho coletivo. Segue o relato pessoal de cada integrante do grupo de pesquisa sobre sua relação com o projeto.

Ensino, pesquisa e formação docente na perspectiva experimental

Fábio Garcez de Carvalho

Sou professor doutor da carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exercendo o ofício de professor de História no ensino médio. Venho atuando na formação inicial à docência dos graduandos de História que realizam o estágio supervisionado no CAp e na formação continuada de professores de História. Destaco, também, a minha atuação no mestrado profissional de ensino de História, vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Ensino de História da UFRJ (PPGEH/UFRJ), destinado aos professores da rede pública de ensino em efetivo exercício do cargo. Tenho orientado professores e ministrado disciplinas da grade curricular. Devido ao meu doutorado ter sido em História da Educação, tenho foco em articular os debates teóricos do campo com o ensino de História a partir de minha experiência prática de orientar jovens graduandos na arte de ensinar a disciplina História.

Quando a professora Libânia Xavier me convidou para compor o projeto Sua Escola tem História, percebi de imediato a potencialidade da proposta para a montagem de uma rede de professores de ensino básico interessados em construir novas estratégias pedagógicas para o ensino de História a partir da exploração da própria história das instituições escolares. Percebi também que o projeto apresentava forte potencial para um diálogo estreito com a minha atuação no mestrado profissional. Uma proposta que não se esgota em si mesma, mas considera as relações da escola com as comunidades do entorno e com a própria história nacional.

Aqui, cabe registrar que o convite foi a oportunidade de um renascimento pessoal após ter sido gravemente acometido pela Covid-19, em maio/junho de 2020, e ainda ter vivido um período de seis meses de plena recuperação física e mental. Superada a tempestade, o desafio estava posto. Ao longo de dois anos de trabalho, podemos dizer que o projeto tem trazido aprendizados, pois elaborar uma pesquisa em que o objeto de investigação é a própria escola em que atuo é desafiador. Ficamos sempre entre o fascínio da história da escola em que construímos a nossa trajetória profissional e os deveres do pesquisador em não cair nas armadilhas das emoções ou de uma era de ouro preservada na memória. Com muita frequência, o olhar sobre o passado vem acompanhado pelas minhas memórias de docência no Colégio de Aplicação. Um sujeito do conhecimento, que não apenas se posiciona no interior da instituição que está sendo investigada em sua historicidade, mas que também é parte da própria história da instituição.

Com apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), as condições para a implementação de um projeto de pesquisa se tornaram viáveis. Entusiasmado com a proposta do Sua Escola tem História, impunha-se a urgência de se elaborar um projeto articulado aos objetivos gerais da proposta. O foco na história do Colégio de Aplicação, a nosso ver, contribui para re-

velar a um público mais amplo parte da história da educação da cidade do Rio de Janeiro, do qual o colégio é uma instituição protagonista. Por fim, as trocas de ideias com a professora Libânia acabaram por trazer à tona um recorte da história do colégio em que vigorou o projeto das classes secundárias experimentais a partir de final dos anos 1950. Exercendo a docência no colégio durante anos, já havia percebido que as classes experimentais se faziam presentes na memória oral de professores mais antigos e acabava por suscitar curiosidade. Eis que surge a oportunidade. Então, por que não aceitar o desafio de propor um projeto sobre as classes experimentais?

Por fim, o projeto tem sido um fator agregador de experiências e ideias, inclusive para incorporá-las no trabalho de orientação dos licenciandos de História - os jovens graduandos que realizam o estágio no Colégio de Aplicação -, bem como nas aulas do mestrado profissional, onde tenho observado reações muito positivas entre os professores matriculados no curso. Vale destacar também a docência de História junto aos alunos do ensino básico, pois investigar a História da escola com os próprios alunos é um exercício de construção de suas identidades em relação ao espaço em que se relacionam. O projeto acabou por abrir um leque de possibilidades de intervenção pedagógica, com novas fontes e propostas de abordagem de temas históricos que podem ser tratados a partir da história da escola.

A licenciatura e a pesquisa como elos de minha formação profissional

Jéssica de Azevedo Gomes

Sou estudante concluinte da graduação de Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro e sou bolsista de Iniciação Científica desde 2022. Antes da implementação desse projeto, eu par-

ticipei como extensionista do Sua Escola Tem História, vinculado à Faculdade de Educação da UFRJ, por dois anos (2021-2022). Junto com outra integrante da equipe, desenvolvemos trabalhos que articulavam as nossas próprias trajetórias escolares às memórias das escolas e às histórias da cidade. Nesse sentido, em uma das séries de postagens para o site e para o Instagram[1] do projeto, nós demos destaque ao movimento de ocupação secundarista de 2016, que fortaleceu a minha formação política. Desse modo, visamos divulgar as histórias das escolas fluminenses e reafirmar o seu valor cultural, social e político, em contraste com as atitudes negacionistas que desqualificam a escola e a ciência.

Assim, quando as inscrições para a Iniciação Científica do Sua Escola Tem História foram abertas, com o apoio da Faperj, encarei como uma grande oportunidade de me aprofundar na área da História da Educação ao continuar investigando o papel das escolas públicas na dinâmica sociopolítica do Rio de Janeiro e na produção de identidades pessoais. E, sem dúvida, a minha participação, durante dois anos (2022-2024), no projeto As classes experimentais, o ensino de História e a formação de professores no Colégio de Aplicação da UFRJ representou uma experiência única e transformadora na minha formação acadêmica. Nele, eu e a bolsista Jovem Talento Isabel Leanza Machado fomos estimuladas pelo prof. Fábio Garcez de Carvalho e pela profa. Libânia Nacif Xavier a sair de um papel passivo e a assumir um protagonismo no fazer científico.

O projeto contribuiu para o aprimoramento de nossas habilidades de pesquisa em História de maneira prática, no contato frequente com fontes documentais e bibliográficas. Realizamos etapas fundamentais de um trabalho científico, como a seleção de fontes, a discussão biblio-

1 *Endereço eletrônico do site Sua Escola tem História: <https://suaescolatemhistoria.com.br/>; endereço eletrônico do Instagram: <https://www.instagram.com/suaescolatemhistoria/>*

gráfica, a elaboração de problemas norteadores, a criação de hipóteses a serem investigadas e a busca por resultados. Como bolsista de Iniciação Científica era responsável pela análise de fontes manuscritas selecionadas, que se encontram sob a guarda do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes/UFRJ).

Uma fonte que me despertou interesse particular foi A Forja, jornal estudantil do CAp UFRJ. Posteriormente, o projeto nos deu a oportunidade de participar de eventos e de publicações acadêmicas para compartilhar os resultados da pesquisa, propiciando a socialização com outros pesquisadores e contribuindo para a melhoria da nossa escrita científica, de habilidades de apresentação em público e de trabalho em grupo.

Por fim, como não poderia deixar de mencionar, durante essa Iniciação Científica conheci o jornal estudantil que me despertou um grande interesse ao ponto de torná-lo a principal fonte de pesquisa da minha monografia, em andamento, em Licenciatura em História. No trabalho, intitulado A Forja: o protagonismo estudantil construído no jornal oficial dos estudantes do Colégio de Aplicação da UFRJ (1955-1967), pretendo examinar a trajetória do impresso vinculado à caixa escolar do colégio, posteriormente transformada em grêmio estudantil. Em seguida, analisar as discussões feitas pelos secundaristas sobre temas internos e externos à vida no CAp UFRJ e a atuação do corpo discente em atividades extraclasse, políticas, culturais e recreativas divulgadas no periódico.

A minha história na história da escola em que estudei desde sempre

Isabel Leanza Machado

Desde agosto de 2022, faço parte de um projeto de pesquisa chamado As classes experimentais, o ensino de História e a formação de professores no Colégio de Aplicação da UFRJ, que integra o projeto maior Sua Escola Tem História, cujos objetivos são estudar e conhecer a história das escolas públicas do Rio de Janeiro, criar um espaço pedagógico de atividades com alunos do ensino público fluminense, visibilizar as pesquisas científicas educacionais e estimular a preservação de documentos e patrimônio escolar.

O projeto em que atuo na qualidade de bolsista Jovem Talento Faperj tem foco no Colégio de Aplicação da UFRJ, onde atualmente sou aluna do terceiro ano do ensino médio. Ao longo de dois anos, analisamos a trajetória da escola com o objetivo de estudar o projeto das classes experimentais que foram implementadas em 1959. As referidas classes adotaram um novo desenho curricular, uma nova dinâmica pedagógica, assim como um novo processo de formação de professores, promovendo uma experiência escolar apoiada na ideia de inovação pedagógica. Muitos caminhos foram sendo abertos à medida em que a investigação avançava. Inclusive, destaco o próprio ensino de História, com suas atividades extracurriculares.

O grupo de pesquisa em que atuo é composto pelo meu orientador e professor de História do CAp UFRJ, Fábio Garcez de Carvalho, e pela bolsista de Iniciação Científica e estudante do curso de História da UFRJ, Jéssica de Azevedo Gomes, sob a supervisão das professoras Libânia Xavier e Nailda Marinho e contando com outros bolsistas que atuaram nas outras três escolas ligadas ao projeto.

Ao longo dos dois anos de trabalho de pesquisa (2022-2024), como bolsista Jovem Talento pela Faperj, pude crescer na área da pesquisa, especialmente em História e Educação. A participação em um projeto de pesquisa me proporcionou um maior entendimento da disciplina História a partir da compreensão de como a história do objeto de estudo é construída pelo pesquisador, mediante o uso de diversas fontes, e influenciada por diferentes motivações sociais próprias ao contexto político da época. Por fim, entender os fatores que levaram a história a acontecer e todos os seus impactos na relação entre passado e presente.

A partir da análise das edições do jornal A Forja e do estudo do protagonismo estudantil no CAp, pude compreender melhor o contexto político, social e econômico brasileiro do período estudado, especialmente da ditadura militar, o que me ajudou a relacionar com os conteúdos dados em sala de aula, especialmente no estudo da História do Brasil.

Aprendi como o pesquisador trabalha com as fontes e investiga os documentos. O contato com produções acadêmicas, artigos científicos, leitura de livros e textos enriqueceram a minha capacidade de ler produções de nível superior, diferentes do que eu estava acostumada como estudante de ensino médio. Além do desenvolvimento da minha habilidade de escrita, a partir de fichamentos, resenhas e atividades textuais e relatórios.

Tive a oportunidade de trabalhar junto a uma graduanda de História da UFRJ e de estar em ambientes acadêmicos universitários, o que me ajudou a entender as minhas futuras escolhas relacionadas ao meu ingresso na universidade após a finalização do ensino básico.

É possível concluir também que aprendi a história do colégio no qual estudei minha vida inteira, o que foi muito importante para melhorar ainda mais minha relação com o espaço estudantil, princi-

palmente no último ano de minha escolarização. Hoje, observo o espaço do grêmio no colégio com um novo olhar. Considero aquele lugar como uma conquista de gerações de alunos, e vejo camadas de história em sua existência. Além da compreensão da importância da fundação do CAp para a história da educação no Brasil, sendo um colégio de cultura escolar renovadora.

A partir disso, é possível concluir que esta experiência como bolsista Jovem Talento Faperj em um projeto de pesquisa foi muito enriquecedora para mim na qualidade de estudante e no próprio crescimento pessoal.

2

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO E AS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS: A INVESTIGAÇÃO EM CURSO E O POTENCIAL DAS FONTES ESCOLARES

Ao aceitar o desafio de investigar as classes secundárias experimentais (CSE), começaram a surgir as questões referentes às intituladas reformas de ensino que permeiam a educação contemporânea. A partir das leituras que se sucederam no grupo, foi possível verificar que as classes experimentais remontam a uma proposta que não se restringiu a um projeto próprio do colégio, sendo uma iniciativa do governo federal, à época. No entanto, a história da fundação do colégio e as ideias pedagógicas que fundamentam a proposta de renovação curricular se aproximam, pois dialogam com o escolanovismo.[2]

Nesse sentido, se impõe uma abordagem fundamentada em dois níveis de escala: um de ordem macro, que trata do âmbito nacional da política do MEC para o ensino secundário, com suas finalidades e concepções pedagógicas dominantes, e outra, de escala micro, ou seja, a dinâmica pedagógica da escola sob o efeito da proposta renovadora a ser implantada no ensino secundário. À medida em que avançamos na exploração das fontes, nós discutimos nas reuniões de equipe as descobertas de fatos significativos relacionados à dinâmica pedagógica do CAp da UFRJ. Doravante, convidamos o leitor a nos acompanhar nas trilhas construídas pelo grupo para o desenvolvimento da pesquisa com as fontes levantadas.

2 *O escolanovismo ou movimento da escola nova se constituiu a partir do debate teórico e das propostas educacionais inovadoras em relação ao modelo escolar e aos métodos de ensino elaborados nos EUA e Europa, tendo como referência a aproximação da educação ao saber científico. No Brasil, a circulação do pensamento escolanovista foi impulsionada nos congressos e conferências, além da tradução de obras de autores estrangeiros. Para maior aprofundamento do debate sobre as origens do escolanovismo, a circulação e sua particular apropriação no Brasil, vale consultar: SAVIANI (2006); VEIGA (2007, caps 5); SAVIANI (2008, caps 8 e 9); XAVIER, (2014, p. 279-316); XAVIER; PINHEIRO (2016, p. 177-191).*

A construção das temáticas a partir da leitura das fontes

Há uma explosão de memórias sobre o Colégio de Aplicação da UFRJ nos últimos anos. O livro seminal sobre o Colégio de Aplicação da UFRJ *Intelectuais e Guerreiros: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968*, de Alzira Alves de Abreu, fruto de pesquisa histórico-sociológica entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, é estruturado a partir da coleta de testemunhos orais de ex-professores e de ex-estudantes dos anos 1950 e 1960, em cruzamento com fontes administrativas. A sua importância não apenas reside em ter sido uma obra pioneira sobre o CAp da UFRJ, mas pelo fato de ter contribuído para forjar as "tradições do colégio", conforme nos informam Carvalho e Franchi (2021, p. 14). E que tradições seriam essas? As próprias autoras destacam algumas características, a exemplo da excelência acadêmica, de espaço de experimentação de práticas didático-pedagógicas, sociabilidades entre estudantes e docentes e da atribuição ao corpo discente de um traço de militância política.

A mais recente produção na linha memorialística é o livro *Gratidão e memórias dos capianos de todos os tempos ao CAp – UFRJ*, organizado por Miriam Abduche Kaiuka, Emilio Mira Y Lopez e Cheilamar Prates Page em 2023. Uma produção sem pretensões de ordem acadêmica em que uma professora em atividade, outra professora aposentada e um ex-estudante reúnem memórias estudantis representativas de diferentes épocas. Uma iniciativa original com testemunhos repletos de emoção, de reconhecimento da excepcionalidade experienciada e de

paixão pelas vidas compartilhadas no espaço escolar.[3]

O projeto em tela se soma a este movimento de publicações sobre o CAp da UFRJ, tendo o diferencial de explorar as fontes produzidas por diferentes agentes escolares: estudantes, docentes e burocracia escolar. Dialoga com as memórias, mas se propõe a avançar na exploração de fontes escolares diversas de modo a contribuir para o estudo da história das instituições escolares, em particular da implementação do projeto inovador das classes secundárias experimentais.

A elaboração do projeto das classes secundárias experimentais (CSE) a partir de 1959 vincula-se ao ímpeto modernizador da educação, em voga no Brasil desde os anos 1930 com o lançamento do Manifesto dos Pioneiros (1932). Implantadas as primeiras classes secundárias experimentais, conforme nos informa Dallabrida (2017), São Paulo e Rio de Janeiro concentraram a maioria das experiências em escolas públicas e privadas. O Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), criado em 1949, se tornou parte da história do experimentalismo educacional dos anos 1950. Podemos dizer que o Colégio de Aplicação fez parte de um restrito grupo de escolas a implementar a proposta.

Se a implantação das CSE foi iniciativa do diretor Luiz Alves de Mattos ou uma solicitação do Ministério de Educação e Cultura, a questão não altera a nossa preocupação central: o que nos interessa é investigar o impacto das CSE na dinâmica pedagógica do colégio e da cultura escolar capiana. Nesse sentido, propomos a pergunta: a construção da

3 *O livro é um desdobramento da criação do MemoCAp - iniciativa que evidencia a explosão de memórias sobre o Colégio de Aplicação da UFRJ -, que segundo Carvalho e Franchi (2021, p. 11) "remonta a uma data convocante de memória, histórias e afetos. No dia 19 de maio de 2020, já vivendo sob o signo da pandemia, foi organizado um encontro on-line para comemorar o aniversário de 72 anos do CAp. Dele participaram ex-estudantes das décadas de 1960, 1980 e 2000 - Ana Célia Castro, Afrânio Garcia, Emilio Mira y López, Lali Maia e Bárbara Calabria -, a inesquecível Mônica Pietrolongo, servidora aposentada da UFRJ que trabalhou no colégio por muitos anos, e o professor do Setor Curricular de Geografia, Marcelo Campello. Nessa ocasião, de forma bastante pessoal, cada um se pôs ao exercício de lembrar de si, do colégio, de sua importância nas trajetórias individuais".*

cultura capiana foi produto das CSE ou as CSE se adaptam a uma cultura escolar capiana já em pleno desenvolvimento desde a fundação do colégio?

Foi dada a partida: a implantação das classes secundárias experimentais no CAp da FNFi

No imaginário social e político brasileiro, os anos 1950 são associados diretamente ao governo do presidente da República Juscelino Kubitschek, um típico representante do nacional-desenvolvimentismo, cujo projeto gerava grandes expectativas junto aos setores sociais médios. A educação não ficou alheia a esse movimento. Parte da classe média brasileira se mobilizou em torno do movimento em defesa do ensino público. Não por acaso, as disputas entre ensino público e privado chegavam em seu auge, culminando na elaboração do manifesto "Mais uma vez convocados", assinado por diversos intelectuais. Este embate acompanha a discussão sobre a LDB, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao final dos anos 1950 (Saviani, 2008). Se a discussão sobre a LDB se arrastava nos debates políticos congressuais, a vontade de mudança impulsionava os reformadores a criar alternativas. É neste contexto de debate educacional em alta que a proposta de renovação curricular avança no Ministério da Educação e Cultura com o objetivo de superar o currículo das classes orgânicas implantadas no Estado Novo. A ditadura fora derrotada, mas a educação ainda preservava a herança educacional do período autoritário.

O Colégio de Aplicação, situado em região nobre da cidade do Rio de Janeiro, vivencia o clima de euforia e mobilização da classe média ca-

rioca.[4] Um vestígio do crescente interesse das classes médias urbanas em uma proposta de ensino público renovador pode ser encontrado no pequeno documento intitulado Relatório do prof. Luiz Alves de Mattos (CAp) ao prof. Eremildo Luiz Viana (FNFi).[5] (Anexo 1), de 1959, em que o diretor do CAp relata a pressão dos responsáveis pela abertura de mais uma turma de classe secundária experimental. Tendo sido aprovada pelo Conselho Nacional de Educação, no Parecer 565, de 8 de dezembro 1958 (Anexo 2), e autorizada pela Portaria 92, de 21 janeiro de 1959, da Diretoria do Ensino Secundário do MEC, só poderia haver a abertura de uma turma experimental de no máximo 30 alunos. Contudo, 64 responsáveis optaram por esse regime, dentre os 85 candidatos aprovados no exame de seleção. Por isso, pediram ao diretor que solicitasse autorização para o funcionamento de mais uma classe experimental no CAp. Isto é, que fossem instaladas duas classes experimentais e uma classe orgânica, por série.

Desde a sua fundação, o Colégio de Aplicação já apresenta enorme repercussão junto às famílias representativas de setores médios urbanos da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo devido às novas propostas pedagógicas e ao ensino ministrado em uma escola vinculada à Universidade do Brasil. A fama de concursos disputados para o ingresso no colégio já corria a cidade, ao menos nos chamados bairros nobres. A proposta da classe experimental mobiliza parte da classe média interessada em garantir um capital cultural potente aos seus filhos. O Relatório do prof. Luiz Alves de Mattos (CAp) ao prof. Eremildo Luiz Viana (FNFi) apresenta o relato da forte disposição dos pais em garan-

4 Vale destacar que, ao final dos anos 1950, o Colégio de Aplicação muda de sede, sendo transferido da Praça São Salvador, Laranjeiras, para o seu atual endereço. Rua J. J. Seabra, sem número, Lagoa. Ambos os bairros integram a região da zona sul da cidade, área historicamente caracterizada por concentrar população de maior poder aquisitivo e infraestrutura urbana moderna. A história urbanística da cidade do Rio de Janeiro é caracterizada por brutal divisão socioeconômica de seu território, em que se destaca a crescente valorização da zona sul carioca. Sobre o assunto, ver: ABREU, Maurício de A. evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1988. p. 112-118.

5 Arquivo CAP 038 EXP 017, PROEDES, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

tir aos filhos e às filhas a possibilidade de vivenciar a experiência das classes experimentais. Os responsáveis argumentam de maneira contundente que a imposição de apenas uma classe experimental feria o direito natural e inalienável dos jovens, além de considerarem uma injustiça, haja vista que todos os candidatos interessados tinham os mesmos direitos perante a lei. As famílias também afirmaram que o CAp da FNFi teria sim condições pedagógicas e materiais para manter duas classes experimentais simultâneas. Diante da pressão, Luiz Alves de Mattos acrescentou, ainda, que seria necessária a abertura de mais uma classe para analisar de maneira mais criteriosa os resultados da técnica experimental e avaliar a sua eficácia.

No entanto, é difícil considerar que o diretor da FNFi, Eremildo Vianna, tenha autorizado o funcionamento de uma segunda classe sem consultar o Ministério da Educação, especialmente se considerarmos que o ministério manteve um fino acompanhamento da implantação das classes secundárias experimentais.[6] Ao fim e ao cabo, o que se consolida são duas turmas. Apesar de haver um inequívoco respeito à hierarquia de poder na universidade, exemplificado na comunicação com o diretor da FNFi, nos parece que para avaliar o sucesso da reivindicação de ampliação do número de turmas, vale considerar as redes de relações do diretor junto às esferas federais.

6 *O acompanhamento da experiência da classe secundária experimental (CSE) entre os anos de 1959 e 1962 produziu a investigação mais completa, de acordo com a avaliação de Dallabrida (2017), sobre a CSE. O estudo intitulado Classes secundárias experimentais - balanço de uma experiência, publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos foi resultado de amplo estudo quantitativo desenvolvido por Jayme Abreu, especialista em ensino secundário no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), e Nádia Cunha, técnica do Inep.*

É pertinente reconhecer que o diretor do CAp era detentor de um capital social e científico,[7] construído ao longo do exercício de sua cátedra de Didática Geral e Específica na FNFi, que possibilitou seu trânsito por instituições públicas variadas e a produção de um conjunto de obras significativas no campo da Educação, especialmente obras destinadas à formação docente. De acordo com Xavier e Mogarro (2011, p. 131), Luiz Alves de Mattos "participou de cursos de formação e de aperfeiçoamento de professores promovidos por diferentes instituições, a saber: Ministério da Educação, na área de Organização da Administração Escolar (1947-1963); Ministério da Guerra - Estado Maior, na área de Didática (1949-1963); e Escola de Serviço Público do Departamento Administrativo do Serviço Público, na área de Didática (1960-1963). Foi membro do Conselho Superior - Capes (1961-1963) e um dos criadores do Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae-FGV), sendo seu diretor (1961-1963)". Essas atividades se sucedem concomitantemente à sua gestão administrativa no Colégio de Aplicação e à sua liderança na implantação das CSE.

Portanto, é inegável reconhecer que o diretor do CAp dispunha de recursos simbólicos e estratégias legitimadas pelas instâncias de poder. Com efeito, o experimentalismo desta proposta do Ministério da Educação, de algum modo, aos olhos das autoridades, encontrava no CAp da FNFi os requisitos básicos para implementar o projeto: uma escola com a finalidade de formar professores. A conjunção de demandas sociais e disposição política para avançar em projetos de renovação educacional na esfera federal, mediada pela circulação de Luiz Alves de Mattos entre diferentes esferas de poder, nos permite adentrar nos

7 *Bourdieu (2004) define capital científico considerando a articulação de duas dimensões: um poder oriundo de posições exercidas no âmbito de instituições variadas (capital institucionalizado) e um poder que se constrói a partir do reconhecimento entre pares (capital puro), um poder de grau indeterminado em que fatores como carisma e reconhecimento de prestígio fazem parte dos recursos disponíveis do indivíduo. É lícito afirmar que o diretor do CAp reunia as duas dimensões do capital científico, o que lhe garantia alta capacidade de uso das regras do jogo em seu favor.*

meandros da implementação das classes secundárias experimentais no CAp.

É interessante observar que esta disposição para a renovação pedagógica existente em alguns setores da esfera federal reverbera na escola. Na qualidade de construtor de instituições, segundo definição de Abreu (1992, p. 45), Luiz Alves de Mattos percebe que uma janela de oportunidades se abre. Isso é perceptível em um documento escolar, que evidencia que a administração geral da escola acompanha os ventos da mudança. O documento O movimento das novas classes experimentais[8] (Anexo 3), de 1959, nos informa que somente a partir da aprovação do Parecer nº 77, de 1958, a experimentação de currículos e métodos para o ensino secundário no Brasil deixou de ser vedada por lei. Antes disso, não se reconhecia a competência dos professores, negando-lhes o direito para organizarem e programarem seus próprios trabalhos. Nesse ambiente, qualquer tentativa de experimentação pedagógica era cerceada.

O Parecer nº 77, então, reconheceu o direito e a capacidade dos educadores brasileiros para elegerem e determinarem seus próprios planos de ação educativa. E, ao mesmo tempo, conferiu-lhes uma nova responsabilidade: a de encontrar novas e mais satisfatórias soluções - através da paciente experimentação, contínua autocrítica e sucessivas revisões - para o problema crítico da Educação no Brasil, diante de uma sociedade em rápida transformação. Assim sendo, a direção do CAp procurou se cercar de segurança jurídica para implementar a classe experimental, amparada no movimento legiferante do governo para viabilizar o projeto experimentalista, ainda que tímido, já que se realizaria em apenas duas classes e não em toda a escola.

8 *Arquivo CAP 038 EXP 015, PROEDES, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

À imagem de Luiz Alves de Mattos, como construtor de instituições, deve-se acrescentar a de elaborador de obras na área da educação. Vale considerar que a implantação e desenvolvimento das CSE ocorrem em um período de intensa produção e publicação do diretor. De acordo com Xavier e Mogarro (2011), destacam-se Sumário de Didática Geral (1957); Os objetivos e o planejamento do ensino (1957); Primórdios da educação no Brasil (1958); Linguagem didática no ensino moderno (1960, em segunda edição); e O conceito de experiência na filosofia, na educação e no ensino (1961). Um volume de publicações que indica que Mattos também poderia ser chamado de construtor disciplinar no âmbito da disciplina Didática Geral,[9] da qual era professor catedrático.

Se foi possível identificar o envolvimento pessoal do diretor do CAp na implantação das classes secundárias experimentais, acompanhado por um interesse das famílias em participarem da empreitada, podemos perguntar se a perspectiva da mudança curricular também era compartilhada pelos professores.

Os professores abraçam o projeto

A convocação de uma reunião para debater as classes secundárias experimentais indica uma mobilização forte da direção para a implantação da proposta renovadora. Conforme visto anteriormente, os engessamentos para a implementação de inovações nas classes orgânicas era um obstáculo intransponível de acordo com a Lei Orgânica de 1942.[10] Nesse sentido, as CSE surgiram como janela de oportunidades

9 *De acordo com Fonseca (2015), a disciplina Didática Geral se constitui como disciplina referenciada para a formação de professores a partir da criação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 1939, sendo que Luiz Alves de Mattos está à frente da disciplina desde o ano da criação da FNFi.*

10 *Saviani (2006, p. 39) afirma que "das 'leis orgânicas de ensino' decretadas entre 1942 e 1946 resultou uma estrutura que previa, grosso modo, um curso primário de quatro anos, seguido do ensino médio com a duração de sete anos, dividido verticalmente em dois ciclos, o ginasial, de quatro anos, e o colegial, de três anos, divididos horizontalmente nos ramos secundário, normal e técnico, sendo este, por seu turno, subdividido em industrial, agrícola e comercial".*

para um colégio que, ao aderir a esse projeto, se reafirmava como uma instituição que, de certo modo, nasceu sob o signo do experimentalismo. Mas para o sucesso da iniciativa, não bastava a direção encampar a proposta. Os docentes precisavam também demonstrar engajamento. Vejamos, então, a reação dos professores à proposta.

O corpo docente do CAp contava com 42 professores em 1959, todos formados no ensino superior, a maioria foi escolhida entre os licenciados da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) e quase todos haviam sido alunos do professor catedrático de Didática Geral e diretor Luiz Alves de Mattos.[11] Desses 42 docentes, 37 se voluntariaram a lecionar nas CSE. Coube, então, ao diretor decidir quais estariam mais aptos a essa função a partir de "seus dotes pessoais e pela eficiência demonstrada dia a dia na regência das turmas do Colégio".[12] Isso significa que teria havido uma seleção entre os 37 professores interessados, submetidos a um vago critério avaliativo baseado nos "dotes pessoais".

Em suas aulas, os professores selecionados deveriam reduzir o método expositivo, fazer uso dos recursos audiovisuais disponíveis, preparar guias de estudos, intensificar o uso do estudo dirigido, organizar trabalhos em grupo, promover e orientar a leitura sobre os temas a serem estudados, estimular a autossuperação dos alunos, desencorajar a simples memorização e estabelecer pontos de contato com outras matérias e com outros professores daquela série, ou seja, ser capaz de viabilizar a tão sonhada interdisciplinaridade. Além disso, os educadores deveriam experimentar diferentes tipos de atividades que permitissem atender às preferências individuais dos alunos, estimular a

11 A prática de indicação de professores para o cargo de docentes esteve presente na FNFi desde a sua fundação em 1939. "A escolha dos cargos de docentes da FNFi demonstra como os arranjos políticos daquela época, com seus apadrinhamentos e barganhas, constituíram o corpo dos professores da recém-criada faculdade" (PEREIRA, 2010, p. 23). E o Colégio de Aplicação reproduziu a prática da indicação.

12 Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.

iniciativa pessoal deles no planejamento e na execução de suas tarefas de estudo, reduzir as tarefas de casa e reservar dois terços do total de horas de ensino da matéria para a realização das atividades discentes.

Se considerarmos que não havia um contrato formal, mas sim um "trato verbal" de duração de três anos, recebendo por "aula dada", sendo os contratos dos professores temporários e ainda enfrentando atrasos de seis meses no pagamento de salários e sem direito a férias remuneradas, segundo Abreu (1992, p. 92), os desafios eram imensos para os/as jovens docentes. O expressivo número de professores/as interessados/as em assumir as CSE indica uma grande mobilização do corpo docente em participar da experimentação pedagógica. Era o vento da mudança que foi contagiando o corpo docente. Passada a expectativa inicial, vejamos como os docentes experienciam a proposta.

Investigar as classes secundárias experimentais em ação exigia adentrar no mundo da experiência. Mas esta operação implica o mergulho no cotidiano da escola, tecido por práticas e discursos escolares que constroem uma rede de significados e de relações sociais e simbólicas entre os sujeitos. Operação que nos leva obrigatoriamente a tratar da "caixa preta" da escola, "com conteúdos e códigos em parte criptografados ou dificilmente acessíveis", de acordo com Benito (2017, p. 138), que nos oferecem, inclusive, a chave para investigar possíveis resistências às inovações propostas, sua aceitação ou hibridismos possíveis. Adentrar a cultura escolar implica em complexas operações historiográficas, que incluem a existência de fontes e a seleção de adequado recurso teórico-metodológico.

Inicialmente, o grupo de pesquisa explorou o estudo seminal *Intelectuais e Guerreiros: o colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968*, de Alzira Abreu, o que nos possibilitou ter uma visão da vida escolar capiana nos anos 1950 e 1960, a partir do relato dos professores e ex-alunos. A partir desses relatos foi possível conhecer a governança da escola,

as hierarquias de poder e identificar alguns docentes, compondo um instigante mosaico de personagens da história do colégio. Mas ao fim da leitura e análise do livro, as lacunas permaneciam, especialmente as tensões geradas pela implantação das CSE, as dúvidas acerca da proposta e as relações com as classes orgânicas, em suma, as incertezas e desafios que brotavam do chão da escola.

Na verdade, o único fator gerador de tensão durante a vigência das CSE no colégio de Aplicação, registrado na documentação, trata dos problemas gerados pelos programas da FNFi, demasiadamente específicos, não possibilitando dar ao licenciando uma visão mais ampla sobre os processos educativos, o que dificultava a realização do estágio, conforme Abreu (1992, p. 77). No entanto, esta era uma tensão alimentada de fora para dentro, sem relação direta com os problemas e desafios cotidianos que emergiram do processo pedagógico em curso. E o que dizer da ausência das classes orgânicas que ainda continuavam existindo?[13] De sua leitura emerge a imagem de uma cultura escolar como um sólido bloco homogêneo. Desta inquietação inicial, surge a questão: é possível adentrarmos a dinâmica da escola durante a vigência das CSE?

Concluímos, então, que era necessário ir além do uso da oralidade e buscar fontes variadas. Nesse sentido, tivemos a felicidade de encontrar o documento Sondagens aos professores. Se optarmos por uma redução da escala de observação das CSE, conforme proposto por Revel (1998; 2010) e Levi (1992, 2009), as Sondagens aos professores nos possibilitam abrir um caminho para investigar a dinâmica das CSE no chão da escola. Tendo sido um projeto executado a partir de aprovação

13 Dado o corpus documental investigado ser restrito ao tema das CSE, a leitura de A Forja nos chamou a atenção para as raras menções às classes orgânicas. Na verdade, somente duas citações foram encontradas, ambas em A Forja, Ano VI, nº 4. Nela, foi relatada a proibição da entrada no colégio à tarde de alunos do curso orgânico em dias de atividades extraclasse para as turmas experimentais, sob pena de suspensão; e a dúvida sobre o pertencimento desses alunos à Caixa Escolar, visto que contribuem para o órgão, mas tinham dificuldade em conseguir participar dos campeonatos esportivos ou dos programas de clubes devido à sua falta de tempo.

do Ministério da Educação, cabia à direção do colégio o estreito acompanhamento da proposta. A avaliação das CSE veio a se efetivar no ano de 1963. É interessante verificar que o instrumento avaliativo não foi dirigido apenas aos professores que atuavam nas CSE, mas a todos os docentes. É o que podemos inferir da resposta do professor José Darci de Carvalho, de Língua Portuguesa, ao questionário avaliativo, mesmo não atuando nas CSE.[14] Detalhe que enseja uma reflexão: o convívio entre as classes experimentais e as classes orgânicas era harmônico e funcional? As Sondagens aos professores não permitem uma conclusão definitiva, mas indicam que a direção tinha a preocupação de envolver toda a comunidade no debate sobre o projeto experimental.

As Sondagens aos professores foram respondidas de diferentes formas. Temos as respostas individuais dos professores, mas as respostas coletivas também se fazem presentes, ou seja, produzidas por um grupo docente do Setor Curricular. É o caso, por exemplo, do Setor Curricular de História. Este tipo de resposta nos indica um nível de organização e de entendimento do trabalho coletivo docente, que de alguma forma era almejado pelas CSE. Os formatos variados também sinalizaram para diferentes posturas dos professores diante do que era exigido.

As respostas datilografadas indicam, a nosso ver, que o docente ou a docente reservou um tempo para o amadurecimento das respostas. Podemos dizer também que este comportamento crítico-analítico do docente pode ser inferido dos longos textos reflexivos, com uso de autores de referência na área da Educação para fundamentar os argumentos desenvolvidos. Por outro lado, existem respostas escritas à mão, em estilo de respostas curtas e objetivas, que denotam a tensão entre a obrigação da resposta e o tempo exíguo para a sua construção.

14 "Resposta à sondagem de opinião de professores do CAp para a reforma das classes experimentais". Professor José Darci de Carvalho (Português). Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº Exp 098 P 043.

Talvez tenha sido escrita na sala dos professores durante os curtos intervalos das aulas. No entanto, a despeito dos diferentes formatos, as Sondagens aos professores nos ajudam a compor um pequeno retrato das CSE.

Passados cinco anos de experiência, é possível afirmar que o projeto experimental ainda mobilizava os docentes? Esta é uma pergunta de difícil resposta. Para tentar respondê-la é necessário saber se os professores de 1958 ainda se mantiveram no colégio. Esta não é uma pergunta trivial se considerarmos que os professores eram contratados por três anos de trabalho, sendo desligados ao final do contrato. Os professores seriam os mesmos de 1958? As Sondagens aos professores correspondem à totalidade do corpo docente, considerando que eram dirigidas para todos os docentes? Foi possível verificar a assinatura de 26 professores que responderam ao questionário. Seriam os mesmos professores que se dispuseram a assumir as CSE em 1958? Esse corpus documental por si só não permite afirmar, mas as respostas trazem experiências docentes que refletem criticamente sobre o currículo e as condições materiais da escola, constituindo-se em testemunhos que traduzem certo acúmulo de experiências do espaço escolar através do tempo. Ademais, deve-se registrar que os docentes coordenadores dos Setores Curriculares, conforme nos informa Abreu (1992, p. 52 e 53) eram professores de didática especial, vinculados à FNFi. Portanto, os coordenadores acabavam por garantir uma certa estabilidade aos Setores Curriculares, o que torna o *corpus* documental bastante representativo se considerarmos que 26 professores responderam ao questionário, organizado a partir das seguintes perguntas (Anexo 4):

No seu ponto de vista, quais os objetivos educacionais do CAp?

No seu ponto de vista, quais os objetivos educacionais do CAp?

O currículo deve nortear-se por uma orientação de cunho predominantemente científico ou de fundamentação humanística?

Como, e até que ponto, através de sua matéria, poderão ser alcançados objetivos gerais do CAp?
Que acha do currículo atual das classes experimentais do CAp? As atuais disciplinas devem ser mantidas ou substituídas? Quais?
Há necessidade e possibilidade de introdução de novas disciplinas? Quais?
Quanto à sua matéria, de modo específico, que sugestões apresenta?
É conveniente a organização de disciplinas e seus programas por professores especializados ou por equipes das diferentes cadeiras?
Tendo em vista as condições e funcionamento do CAp, de que forma pode ser feito o entrosamento entre as matérias do currículo experimental?
É favorável à programação das cadeiras, independentemente da programação de valores a serem alcançados por toda a escola?
A atual distribuição da carga horária pelas diferentes disciplinas deve ser mantida ou modificada? Quais as suas sugestões?
Na sua matéria, quais os conhecimentos e as habilidades indispensáveis que devem os alunos ter adquirido no final do 1º ciclo?
Em relação à sua matéria, que programa deveria ser seguido em cada uma das séries?
Devem os conceitos ser atribuídos mensalmente ou bimensalmente?
Dê as suas sugestões para a modificação dos atuais conceitos das classes experimentais?15

Podemos dizer que as respostas indicam a preocupação dos professores com o presente, ao destacar as carências materiais para a execução do projeto, mas também com o futuro, ao propor ajustes na grade curricular de modo a oferecer ensino de qualidade aos estudantes.

As *Sondagens aos professores* nos permitem ir ao cerne de uma questão cara ao projeto das CSE, a redução do número de disciplinas mediante a articulação pedagógica do trabalho docente. É recorrente a menção às imensas barreiras para a execução de um projeto pedagógico coletivo, dentre as quais destaca-se, por exemplo, a dificuldade de ar-

15 *"Sondagem preliminar de opinião dos professores do CAp para a reforma das classes experimentais". 30/09/1963. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº EXP 093 P 043.*

ticulação entre os professores, superação necessária para criar condições à execução de propostas interdisciplinares. Vale a pena destacar alguns trechos escritos pelos docentes a respeito da articulação entre as disciplinas.

> "Nas condições atuais de funcionamento do CAp, consideramos impossível o entrosamento das matérias por não haver disponibilidade de tempo e pessoal, além de se fazer necessária uma adaptação de mentalidade para o entrosamento." (professor/a Zaida Meirelles Freire e Anselmo Salles Paschoa, Física)

> "Não tem havido unidade entre os professores, direções, coordenações e orientação educacional e atividades extraclasse." (professor José Stamato, Desenho)[16]

Mas as dificuldades de articulação não se restringiam às diferentes disciplinas, mas poderiam ser alusivas ao próprio Setor Curricular. É o que podemos inferir da exposição do Setor de Ciências Naturais.

> O entrosamento para a organização do programa é perfeitamente viável dentro das condições em que trabalha o CAp, pois dependem de um entendimento verbal entre os próprios professores. A execução deste entrosamento nas condições materiais em que se trabalha, isto é, sem laboratório, sem uma sala de ciências, com uma oficina pequena de trabalhos manuais é praticamente impossível." (Marise de Oliveira Silva, Murillo Guimarães Musso, Roberto Lopes, Maria de Lourdes Mercier Medina, professores/as Ciências Naturais)[17]

16 *Resposta à Sondagem de opinião de professores do CAp sobre a reforma das classes experimentais. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 106/043 EXP 014. Vale registrar que a Sondagem aos professores foi o primeiro instrumento de avaliação da proposta de renovação curricular elaborada pela direção do colégio. A intenção era promover os ajustes necessários ao adequado desenvolvimento da proposta curricular. Podemos dizer que este movimento ganha tamanha importância para a gestão escolar, que o termo utilizado é reforma das classes experimentais. O uso da palavra reforma pode soar exagerado se considerarmos que a CSE era uma proposta experimental, mas se deve considerar que a palavra reforma possuía muitos significados no campo político e educacional, gozando de ampla aceitação em uma conjuntura histórica de crescente anseio por mudanças políticas e educacionais que respondessem às demandas por justiça social e participação política dos trabalhadores. O uso da palavra reforma no documento enfatiza a urgência do debate sobre o desenvolvimento da proposta renovadora no âmbito do CAp da FNFi.*

17 *(Resposta à sondagem da opinião de professores do CAp para a reforma das classes experimentais. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 106/043 EXP 014*

De certa maneira, as respostas dos professores ao questionário são uma pequena amostra de que a escola é um lugar de construção de saberes a partir de um determinado lugar. Os olhares dos professores e a avaliação da experiência se fazem a partir de sua experiência na condição de professores de uma disciplina específica. Os problemas são detectados a partir da experiência disciplinar particular do docente, se a carga horária é suficiente ou se os materiais pedagógicos e concepções estruturais do prédio permitem o desenvolvimento das atividades pedagógicas de sua disciplina. Mas os docentes não deixam de apresentar uma visão ampla sobre a escola, inclusive relativamente às necessidades de outros setores curriculares.

O projeto pedagógico: inovar em condições adversas

E em que consiste o projeto das classes secundárias experimentais implantado no CAp? O que salta aos olhos é a mudança curricular. Para Luiz Alves de Mattos, ao final dos anos 1950, o grande interesse pelas CSE demonstrava o descontentamento geral com "as velhas fórmulas curriculares e metodológicas da Lei Orgânica de 1942".[18]

O projeto pedagógico se fundamentava na concepção de descongestionar os programas de estudos em vigor, reduzindo o número de disciplinas em cada série, mas garantindo o maior número de aulas e atividades por matéria e consequentemente o seu aprofundamento. Além disso, sondagens - através de testes psicológicos e da observação do comportamento dos estudantes em todo o período escolar, desde as aulas aos recreios - seriam aplicadas para verificar a capacidade e as aptidões individuais dos alunos e para orientá-los em direção ao seu melhor aproveitamento. Essa orientação seria dada pelos professores

18 *"O movimento das novas classes experimentais". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 015.*

nas aulas, nas "práticas educativas", nas atividades extraclasse e pelo próprio Serviço de Orientação Educacional (SOE). Os objetivos dessa experiência seriam, então: "ensaiar uma nova seriação do currículo secundário [...] e seu enriquecimento, mediante 'práticas educativas' e atividades extracurriculares [...]"; "ensaiar a aplicação de procedimentos didáticos predominantemente ativos e experimentais [...]"; e "proporcionar aos alunos melhores oportunidades para adquirirem uma cultura geral média, não especializada, e uma consciência humana e social que melhor os habilite para bem desempenharem suas funções e responsabilidades no nosso meio social"[19] (Anexo 5).

As práticas educativas mencionadas no documento eram a educação musical, a orientação educacional (individual e grupal), as sessões de estudo em biblioteca e a educação religiosa (para os alunos que a solicitarem). Já entre as atividades extracurriculares estavam, inicialmente, o Centro Escoteiro, o Grêmio Literário, a Banda Colegial, o Clube de Imprensa, o Centro de Datilografia, o Teatro Experimental, o Coral do CAp, a Arte Culinária, o Clube Naturalista e o Bandeirantes. Os alunos deveriam optar no começo de cada semestre por duas dessas modalidades, mas as oportunidades de participar delas eram restringidas aos que não obtivessem o desempenho desejado nas disciplinas acadêmicas.[20]

Buscava-se que as práticas educativas e extraclasse atraíssem a atenção dos educadores por serem realizadas sem o formalismo acadêmico, sendo os estudantes avaliados a partir dos resultados concretos de seus estudos e trabalhos, sem a preocupação com os exames tradicio-

19 *"Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.*

20 *Vale registrar que Abreu (1992, p. 58-59) menciona a existência dos clubes de ciências, de geografia, de matemática e de física, o grêmio literário, o teatro do CAp, o cineclube, o clube de xadrez, o canto orfeônico, esportes, escotismo e Juventude Estudantil Católica, portanto totalizando 11 atividades extracurriculares. Nesta seleção, apenas quatro referem-se às atividades definidas originalmente no Plano das Classes Experimentais. Nesse sentido, podemos afirmar que entre o início das CSE e o seu desenvolvimento, o projeto ganha densidade, traduzida pelo surgimento de clubes diversos em várias áreas do conhecimento, equivalentes às atividades extracurriculares.*

nais. Portanto, o projeto de CSE do colégio acaba por criar as condições políticas e pedagógicas para o exercício da autonomia docente e a elaboração de uma proposta de ensino baseada no compartilhamento de experiências. Defendia-se que a reforma curricular implementada poderia possibilitar aos professores a adoção de novos métodos de ensino que favorecessem a atividade pessoal, a experimentação direta, o estudo dirigido e maior interação com os alunos. A criatividade, a iniciativa pessoal, o senso de responsabilidade e o espírito de livre colaboração nos grupos de trabalho eram incentivados.[21] Nesse sentido, as CSE se aproximam dos ideais escolanovistas, na medida em que apostam na autonomia intelectual dos professores e no protagonismo dos alunos na condução dos processos individual e coletivo de produção dos conhecimentos escolares.

Já o funcionamento das CSE ocorreria apenas nas 1ª e 2ª séries ginasiais a partir de 1959 e em cada série haveria obrigatoriamente uma turma regida pela Lei Orgânica de Ensino Secundário, servindo de comparação e controle para as CSE.[22] A elaboração da proposta das CSE teria sido formulada após a realização de diversas reuniões presididas pelo diretor Mattos com os 42 professores da instituição, com os nove assistentes de didática especial da FNFi e com os pais de alunos mais interessados. Todo o corpo docente do colégio teria colaborado com críticas e sugestões e cada item do plano teria sido adotado por maioria de votos. Apesar de não especificar se os familiares dos alunos também tinham direito a voto, é interessante perceber a sua participação na construção do projeto das CSE e, posteriormente, no aumento de turmas desse regime pedagógico. Assim, há um certo diálogo com o crescente clamor por participação política e com a democracia em ascensão presente na década de 1950.

21" *Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.*

22 *"Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.*

> Partiu-se da premissa de que mais convém adotar-se, inicialmente, um plano de modestas, mas substanciais alterações, sugeridas pelo bom senso e **pelo consenso dos educadores nacionais e pais mais esclarecidos**, do que um plano de radicais modificações, sugeridas pela teoria educacional mais avançada e por experiências mais ousadas que, em países pedagogicamente vanguardeiros, mas estranhos à nossa índole e às nossas tradições, estão sendo realizadas.[23]

A intenção é inequívoca: busca-se um hibridismo entre renovações propostas, "sugeridas pela teoria educacional mais avançada" e as nossas "tradições" nacionais. Embora a leitura do documento não nos permita inferir sobre a que tipo de tradições o autor se refere, podemos dizer que é um pensamento representativo de uma noção de mudança fundamentada no gradualismo e na segurança do processo. Distancia-se do confronto e de polêmicas mais agudas, possibilitando ao personagem trafegar entre o possível e o desejável. Podemos dizer que tal narrativa possibilitou ao diretor enfrentar inúmeros obstáculos, a exemplo das enormes dificuldades de instalação física do colégio desde a sua fundação. Afinal, executar tal proposta esbarrava em obstáculos de ordem espacial, sendo necessário quase sempre recorrer às improvisações.

Nesse sentido, vale mencionar que a elaboração e implantação do projeto curricular inovador impunha enormes desafios à comunidade escolar em um momento de mudança de sede. Em 1958, o Colégio de Aplicação da FNFi foi transferido para a Rua Batista da Costa, 55, no Jardim Botânico. Segundo Mafra (2006), no acordo estabelecido entre o Ministério da Educação, a Universidade do Brasil e a Prefeitura do Distrito Federal foi decidida a divisão do prédio, ainda em construção,

23 "Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia", grifo nosso. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.

com o Ginásio Municipal Azevedo Amaral.[24] Dessa forma, foi impossibilitada a realização de um ensino integral diário, que visava o aumento de atividades extraclasse no turno da tarde. No entanto, apesar das dificuldades, o projeto foi em frente. Assim, com a abertura das classes secundárias experimentais em 1959, o horário de funcionamento da instituição estava previsto para ser de segunda-feira a sábado, de 7:30h a 12:15h, e quinta-feira, de 13:30h a 16:30h, conforme relata Luiz Alves de Mattos:

> A faixa matinal será reservada às aulas e sessões de estudo dirigido nas disciplinas acadêmicas, intercaladas com alguma das "Práticas Educativas". As faixas de 10:30 às 12:00 de sábado e de 13:30 às 16:30 de 5ª feira serão exclusivamente utilizadas para as diversas "Práticas Educativas".[25]

Com esta carga horária, as classes experimentais se diferenciam da classe orgânica, uma vez que as classes orgânicas dispunham de 28h semanais e as classes experimentais totalizavam 33h semanais.[26] Como mencionado anteriormente, o novo currículo previa menos disciplinas por série e uma quantidade maior de aulas e atividades. Já a divisão de horas reservadas na semana letiva entre as aulas regulares e as "práticas educativas" para as quatro séries do curso ginasial foi planejada da seguinte maneira para o regime experimental:

- Iª série: 17 (aulas) + 15,30 (horas de prática) = 32,30 (total)
- IIª série: 20 (aulas) + 12,30 (horas de prática) = 32,30 (total)

24 O Colégio de Aplicação nunca dispôs de terrenos e prédios legalmente pertencentes à universidade. Até os dias atuais, o Colégio de Aplicação se localiza no bairro do Jardim Botânico, funcionando em um espaço físico que já não comporta a ampliação do número de estudantes regulares, que inclui a educação infantil até o ensino médio, as centenas de licenciandos que acorrem à instituição para a realização do estágio supervisionado e os variados projetos de ensino realizados pelos docentes das áreas curriculares. Coincidentemente, a proposta atualmente aventada para a construção de um prédio exclusivo para a educação infantil pode repetir o modelo de parceria acordada entre os agentes públicos federais e municipais.

25 "Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.

26 "Dados informativos sobre as turmas experimentais do CAp da FNFi em 1960". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 040 EXP 042.

- IIIª série: 25 (aulas) + 7,30 (horas de prática) = 32,30 (total)
- IVª série: 25 (aulas) + 7,30 (horas de prática) = 32,30 (total) [27]

Duas questões chamam atenção: 1) a carga horária de aulas cresce conforme o aluno avança em sua escolarização; 2) as horas de aulas práticas diminuem a partir da segunda série. A distribuição proposta segue a concepção de que as séries mais avançadas seriam mais adequadas para os estudos teóricos, de maior exigência de abstração, sendo reservada para as primeiras séries atividades de caráter prático.

No que diz respeito ao novo desenho da estrutura curricular, apresentado no Plano das classes experimentais, as 14 disciplinas prescritas para as quatro séries ginasiais - atual Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano -, de acordo com a Lei Orgânica do Ensino Secundário, em vigor desde 1942, foram mantidas, mas reestruturadas e distribuídas da seguinte maneira:

> [...] na Iª série, das 10 disciplinas da lei orgânica serão ministradas apenas quatro, a saber: Português, Francês, Matemática e Geografia Geral. As antigas disciplinas de Canto Orfeônico, Trabalhos Manuais e Educação Física passaram para o novo quadro de "Práticas Educativas", no qual se incluirão também Orientação Educacional, Educação Religiosa, Sessões de Estudo em Biblioteca e Atividades Extracurriculares.
>
> Na IIª série, das 11 disciplinas da lei orgânica serão ministradas apenas cinco, a saber: Português, Francês, Matemática, Geografia do Brasil e Desenho, passando Educação Física, Trabalhos Manuais e Educação Musical para o quadro das "Práticas Educativas" [...].
>
> Na IIIª série, das 11 disciplinas da lei orgânica serão ministradas sete, a saber: Português, Latim, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História Geral e Desenho.

27 *"Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.*

> Na IVª série, das 12 disciplinas da lei orgânica serão ministradas oito, a saber: Português, Latim, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História Geral, História do Brasil e Desenho.[28]

Além disso, a partir de um quadro comparativo presente no documento Dados informativos sobre as turmas experimentais do CAp da FNFI em 1960 (Anexo 6), observamos a diferença na quantidade de aulas por disciplina entre as CSE e o currículo previsto para as classes orgânicas nas duas primeiras séries do ginásio. A primeira série experimental contou com um aumento das aulas de Francês (de três para cinco aulas), de Geografia (duas para quatro), de Trabalhos Manuais (uma para quatro), de Canto Orfeônico (uma para três), de Atividades Extraclasse (duas para cinco) e de sessões de atendimento no SOE[29] (uma para duas). As duas aulas de História, três de Desenho, três de Latim e duas de Educação Física foram retiradas, já as quatro aulas de Português e de Matemática foram mantidas. Na segunda série das classes experimentais, foram feitas as mesmas mudanças com as disciplinas de Francês, Geografia, História, Latim, Matemática e com as sessões no SOE. A diferença se deu no aumento de tempo destinado ao ensino de Trabalhos Manuais (uma para duas aulas), do Canto Orfeônico (uma para duas), de Desenho (duas para três), de Português (três para quatro) e das Atividades Extraclasse (uma para cinco).

De acordo com o desenho curricular proposto, gostaríamos de chamar atenção para a disciplina História. Dividida entre História do Brasil e História Geral e com a alteração na seriação, o ensino de História ocorreria no ginásio apenas nas 3ª e 4ª séries. Argumentava-se que a mu-

28 "Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 038 EXP 014.

29 O Serviço de Orientação Educacional (SOE) exerceu importante função na viabilização de um projeto pedagógico que apresentava como eixo o desenvolvimento individual do estudante. Para maior aprofundamento sobre o tema, vale consultar: VIEIRA, Fernanda Gomes. Serviço de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação da FNFi: O Governo dos estudantes das Classes Secundárias Experimentais (1959-1961). 2023. 125f. Dissertação (mestrado em História da Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2023.

dança buscaria "atender à imaturidade inicial e à gradual capacidade do aluno em crescimento para aprender matérias progressivamente mais complexas". Os objetivos de História Geral eram (Anexo 7):

> Fundamentar de maneira sistematizada a compreensão dos problemas mundiais da atualidade; Fornecer elementos culturais capazes de enriquecer a capacidade de discernir conscientemente ante às situações político-sociais; Incentivar a compreensão da necessidade de uma atitude tolerante e pacífica em relação aos demais povos; [...] Formar hábitos de estudo metódico; Desenvolver o espírito de socialização dos educandos pelas atividades em equipes articuladas; Desenvolver o respeito às opiniões divergentes; Combater as tendências aos preconceitos anti-democráticos.[30]

Já os objetivos de História do Brasil eram:

> Mostrar que a História do Brasil deve ser estudada considerando as íntimas relações que existem com a Geral; Fixar a tradição democrática do povo brasileiro, revelada desde os tempos coloniais; Levar os alunos à compreensão de que, apesar de erros fundamentais, a colonização portuguesa revelou no Brasil vantagens não encontradas em nenhum outro colonizador europeu; Mostrar com fundamentação que a imitação de instituições estrangeiras nem sempre foi bem sucedida por falta de adequação às condições locais; Realçar o valor da consciência da unidade nacional que vem garantindo a manutenção da integridade da Pátria; Criar e desenvolver a necessidade de conhecimento de nossa evolução histórica para possibilitar um perfeito domínio de muitos dos problemas atuais do Brasil; [...] Fixar a noção da responsabilidade individual e coletiva nos acontecimentos da atualidade da História do Brasil; Criar o interesse pela tradição construtiva brasileira; realçar as qualidades positivas dos grandes vultos da História do Brasil.[31]

Diante do exposto, é inevitável propor uma investigação sobre as proximidades destes conteúdos e abordagens com a formação do historia-

30 *"Plano de curso de História Geral - Terceira e Quarta séries". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 039 EXP 031.*

31 *"Plano de curso de História do Brasil - Quarta série ginasial". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 039 EXP 031.*

dor no curso de História da FNFi. De fato, dadas as relações institucionais entre o CAp e a FNFi, é possível considerar a forte aderência entre os conteúdos de ensino de História no ensino secundário do CAp e as abordagens dominantes no curso acadêmico de História na FNFi. Nos objetivos de ensino do CAp, há duas abordagens que salta aos olhos: o ensino de História deve "realçar o valor da consciência da unidade nacional" e "realçar as qualidades positivas dos grandes vultos da História do Brasil". Já na FNFi, a História política estava profundamente enraizada. Ferreira (2013, p. 50) assevera que predominava no curso de História da FNFi após 1945 uma abordagem "destinada a reforçar os laços de identidade nacional brasileira através da ênfase na unidade nacional e no papel dos grandes heróis como construtores da nação". Concepção que se fundamenta em um tipo de historiografia, forjada numa tradição de "empirismo positivista, ou metódico" (FALCON, 2011, p. 59). Para o ensino de História, a implicação de tal abordagem era conhecer os fatos e memorizá-los. Os fatos por si mesmos eram a garantia da veracidade do conhecimento histórico. No entanto, se o colégio vivia intensamente uma proposta de ensino inovadora com a implantação das CSE, baseada no incentivo à participação discente, cabe indagar se os docentes de História se pautavam por abordagens tradicionais ou se propunham planejar suas aulas a partir de novas concepções. De acordo com Falcon (2011), a produção historiográfica brasileira vivenciou uma disputa entre tradicionalistas e inovadores nos anos 1950 e 1960, em torno da defesa de uma postura empirista ou teórica. Nesse sentido, indagamos se o colégio teria sido palco das disputas entre tradicionalistas e inovadores. O desenho curricular de História vigente no CAp teria sido alvo de críticas dos professores de História? Está aberta aqui uma linha de investigação, sobretudo, se considerarmos que o tempo vivido pelos docentes era de inquietação e de insatisfação. O desejo de mudança estava na ordem do dia. E o Colégio de Aplicação buscava respirar os ares da inovação com as CSE.

Vale registrar que o desenho curricular já era alvo de críticas nas Sondagens aos professores, como podemos verificar no relato a seguir: "Cremos que História é matéria que deveria ser dada desde a 1ºsérie ginasial. Parece-nos, entretanto, que isso, como outras questões, deveria ser discutido (ou melhor) debatido em seminários para estudos de turmas experimentais" (Professora Suely Svartman, Português).[32] Apesar de ser uma avaliação de uma professora de português, é possível considerar que o ensino de História era considerado por outros setores curriculares da escola como disciplina indispensável para a formação dos jovens.

O Colégio de Aplicação e a fluidez de seus espaços

Durante a investigação de A Forja e da Sondagem aos professores foi possível perceber um tema recorrente na história da instituição: o enorme desconforto em relação ao espaço físico do Colégio de Aplicação. Benito (2000, p.40) nos informa que tempo e espaço estão profundamente imbricados na configuração da cultura escolar. E, no caso do Colégio de Aplicação, poderíamos dizer que o espaço é um tema gerador de mobilização e de construção de identidade. O espaço capiano não dispõe de uma arquitetura própria, que traduza o seu projeto pedagógico. Os problemas estruturais do colégio, a falta de prédio próprio e as improvisações de espaço ainda hoje fazem parte da vida cotidiana da comunidade. Se o colégio e seus alunos das classes experimentais reivindicavam ser representantes de uma elite, como é possível ser um colégio de elite sem um espaço próprio? Se a busca por um espaço mais digno para o trabalho pedagógico foi um movimento permanente da escola, seria possível afirmar que o projeto das CSE

32 *"Resposta à sondagem de opinião de professores do CAp para reforma das classes experimentais". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 043 EXP 097.*

acaba por contribuir para a construção de uma identidade capiana de aguerrida luta em face da precariedade das instalações do colégio?

Ao tratar das questões estruturais do colégio, nos deparamos com uma longa trajetória de insatisfações e dificuldades enfrentadas pelos estudantes e professores do Colégio de Aplicação, devido às condições insuficientes para atender às necessidades de uma instituição escolar com a finalidade de formação de professores. Ao longo de sua história, o CAp ocupou três prédios em distintos bairros da zona sul do Rio de Janeiro.

Em sua fundação, no ano de 1948, o colégio teve sua primeira sede na Praia de Botafogo, nº 186, por meio de uma cessão provisória concedida a Luiz Alves de Mattos pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Este prédio também abrigava a Faculdade Nacional de Ciências Econômicas, cujas aulas só aconteciam no turno noturno, permitindo o funcionamento do colégio pela manhã, conforme Abreu (1992). A estadia no prédio da FGV durou quatro anos e sua mudança para a sede do casarão na Praça São Salvador ocorreu em 1952. O prédio no bairro de Laranjeiras é marcado por suas modestas e velhas instalações, descritas como insuficientes para abrigar o colégio, e acompanhado de lutas contra a escassez de verbas liberadas para o funcionamento do colégio.[33]

Em 1958, ocorre a terceira e última mudança de endereço e o colégio passa a funcionar na sede da Lagoa, na Rua J. J. Seabra, em um prédio cedido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, onde permanece até os dias atuais. De fato, foi possível perceber que as antigas instalações não comportam o crescimento do número de alunos. Com a implementação das classes secundárias experimentais em 1959, ocorreu um aumento de quase 300% nas matrículas do colégio. Em

33 MATTOS, Luiz Alves de. "O Colégio de Aplicação". A Forja (Ano I, nº 1), maio de 1955. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 138.

1958, eram 160 alunos em oito turmas e, em 1961, 470 alunos divididos em 14 turmas.[34] A implantação das CSE teria sido um trunfo importante para que Luiz Alves de Mattos negociasse com sucesso a mudança para o novo prédio? Com esta pergunta, retornamos à hipótese de que o diretor do colégio circulava por uma intrincada rede de relações sociais a partir da qual ele fazia uso de seu capital social e cultural para a concretização de seu sonho: assegurar um espaço definitivo para o CAp.

Com condições estruturais insuficientes para abrigar todas as classes, são retratadas no jornal discente A Forja as dificuldades de convivência no novo prédio, de ocupação da biblioteca e laboratório por classes, indicando a recorrência de improvisação desses espaços como salas de aulas regulares, o que impossibilitava o uso da biblioteca, por exemplo, como espaço para leituras e pesquisas no intervalo das aulas. Com a liberação de verbas entre 1959 e 1961, foi possível a construção de um novo pavilhão no prédio do colégio, com doze novas salas de aula e um amplo salão. Além disso, ainda em 1961, com as doações feitas por pais de alunos e através da caixa escolar, ocorreu a construção da nova quadra de esportes do colégio. No entanto, as obras realizadas já sinalizaram problemas. Em 1963, os alunos escrevem no jornal A Forja sobre áreas que foram interditadas no colégio devido a rachaduras e desnivelamento dos prédios.[35]

Além das dificuldades espaciais, havia também a deficiência de materiais necessários para as aulas do colégio. O documento 1º Relatório das Atividades Extraclasse - Março e Abril 1960[36] nos apresenta uma lista de materiais que estavam em falta e dificultavam o funcionamen-

34 *"O novo pavilhão no CAp". A Forja (Ano VI, s/nº). Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 143 - 1961.*

35 *"Área entre o prédio antigo e o prédio novo interditada, motivo: desnível das duas estruturas". A Forja (Ano VIII, nº 5), agosto de 1963. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ, sob o nº DISC 152 P059.*

36 *"Relatório das Atividades Extraclasse 1960". Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ, sob o nº EXP 053 CAP 040.*

to normal das atividades extraclasse, como papel branco, papel tipo ofício, lápis, borracha e outros materiais específicos para os setores. Neste documento, é citada também a inexistência de uma sala própria para o funcionamento das atividades extraclasse, o que dificultava o trabalho dos professores. É possível imaginar que essas são carências de uma escola de elite? Destacamos alguns relatos de docentes que deixaram o registro de sua insatisfação diante das condições materiais:

> Sentimos a necessidade muito, mas muito maior, da melhoria das instalações materiais e de equipamento técnico que nos permitam um nível de trabalho condigno com a posição do Colégio de Aplicação (Maria Beatriz de Mello Freire, professora de Francês).[37]

> Necessitamos de: um serviço de mecanografia que satisfaça às nossas necessidades; material para línguas estrangeiras; biblioteca mais bem equipada, e mais tempo de trabalho (Suely Svartman, professora de Português).[38]

Os problemas estruturais e materiais no CAp/UFRJ permanecem até os dias de hoje, com limitações de espaço e recursos. A instabilidade dos materiais disponíveis para as aulas é frequente, como, por exemplo a dificuldade de impressão de textos escritos necessários aos professores, exigindo da direção medidas paliativas.

37 Resposta à sondagem de opinião de professores do CAp sobre as reformas das classes experimentais, p. 4. Setembro/1963. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ, sob o nº EXP 106 CAP 043.

38 Resposta à sondagem de opinião de professores do CAp sobre as reformas das classes experimentais Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 043 EXP 097.

3

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO E A SUA CULTURA

No que diz respeito à cultura própria do CAp, optou-se por tratar de três atividades, que consideramos emblemáticas na escola: as festas juninas, a publicação de A Forja e a militância no grêmio estudantil. Entendemos que as três atividades são representativas do protagonismo estudantil, objetivo presente no projeto das CSE. No entanto, não surgiram a partir da implantação das CSE, pois já faziam parte do cotidiano escolar. Nesse sentido, é interessante investigar se ocorreram mudanças na cultura escolar à época da vigência das classes experimentais ou se as CSE contribuíram para potencializar as atividades escolares anteriormente existentes. Como as CSE foram introduzidas em um colégio que é fundado de acordo com a concepção experimentalista, talvez seja possível operar na perspectiva de que ambos os processos foram dinâmicos e complementares. Entendemos que esta perspectiva seja mais condizente com a própria implementação do projeto, uma vez que foi resultado de hibridismos entre o tradicional e a inovação.

As festas: encontros, afetos e sociabilidades

O diálogo entre o CAp do presente e o CAp do passado ocorre através das memórias que permanecem a partir das experiências vividas pelos estudantes que passam de geração a geração, como um símbolo do que significa estudar no Colégio de Aplicação da UFRJ. É muito interessante observar que diversas tradições e hábitos tiveram continuidade na escola durante todos esses anos, como, por exemplo, as relações baseadas em fértil diálogo e mútuo aprendizado entre os estudantes e os professores, ou estudantes e licenciandos, já destacadas no livro

Intelectuais e Guerreiros: O Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968, de Alzira Alves de Abreu. Os eventos escolares, a exemplo do FestCAp e as festas juninas, tão valorizados pelos estudantes do período pesquisado, são atividades culturais que ainda unem a comunidade escolar do CAp e fazem parte da experiência capiana.

Ao verificarmos as atividades extracurriculares das CSE é inevitável a comparação de algumas dessas atividades como Grêmio Literário, Teatro Experimental e Coral do CAp às atividades pedagógicas que são desenvolvidas no CAp atualmente. Podemos dizer que a existência atual dos projetos de Artes Cênicas, do Concerto Didático, do Núcleo de Atividades Físicas (NAF) e do CAp Literário é parte de uma cultura escolar capiana que se constitui a partir de permanências e mudanças.

Com o avanço da pesquisa, foi possível elaborar algumas questões: 1) Em que medida as classes experimentais (1959-1963), cujo projeto valorizava a ciência, a cultura e a arte, colaboram para a construção de uma cultura escolar capiana ancorada na ideia da autonomia discente e na participação política estudantil?; 2) O projeto das classes experimentais incorporam propostas pedagógicas já em andamento no CAp? A nosso ver, esta questão é interessante, pois enseja uma reflexão sobre a implantação das mudanças educacionais na escola e o efetivo alcance de seus objetivos de mudança. Para responder às questões propostas, optamos por mergulhar na cultura da escola. É nela que poderemos encontrar os códigos, símbolos e ritos socialmente construídos. No caso do Colégio de Aplicação o que nos chamou a atenção foi a festa junina, evento que acontecia antes da implantação das CSE.

A programação das festas juninas, assim como de outras festividades, era dividida em duas partes: de manhã e à tarde. Na primeira, eram realizadas as gincanas e os jogos esportivos, incluindo disputas com outras instituições; e a segunda dava lugar às apresentações teatrais, às danças, às barracas de comida e às brincadeiras típicas. Além do

evento em si, as etapas necessárias para a sua preparação - como os ensaios da quadrilha, a ornamentação do espaço e a feitura dos lanches - também aparecem como momentos agregadores da comunidade.

> Entretanto, o melhor da festa, infelizmente é aproveitado por muito pouca gente, já que a maioria não tem consciência disso: a preparação da festa. [...] Essa preparação da festa faz parte de nossa educação. Trabalhamos, divertindo-nos. Desenvolve a habilidade de trabalho manual, iniciativa, organização etc. de cada um. Ampliamos nossas amizades. Tomamos contacto com colegas nossos de várias idades com quem não falávamos, e descobrimos novas pessoas, novos fatos interessantes. Desenvolve também noções de que estamos trabalhando em benefício de todos nós e isso é importante. É algo que o colégio nos dá e é difícil de encontrar em outra parte. Devemos aproveitar isso.[39]

A Forja: o artesanato jornalístico

Por meio dos números de 1955 a 1967, foram coletadas informações sobre o surgimento e a organização interna de A Forja, além dos principais assuntos discutidos pelos estudantes do período - tanto internos ao colégio, quanto relacionados ao contexto sociopolítico nacional e mundial. A criação de uma revista para o Colégio de Aplicação foi sugerida pelo conselho da caixa escolar em 1954. A ideia foi aprovada pela equipe e o seu nome foi decidido por meio de uma votação entre cinco opções, sendo Paulo Roberto Cardoso, aluno da 3ª série do Curso Ginasial, o autor do título vitorioso. Uma forja seria uma oficina em que metais são fundidos e moldados, um local de trabalho criador onde surgem vários tipos de ligas úteis para toda a coletividade. Nesse sentido, para Cardoso, o CAp também seria uma forja, na medida em que nele seriam preparadas pessoas para atuar em diversas profissões utilizando os conheci-

39 *"Festa Junina agradou mesmo com chuva". A Forja (nº 2, 1964). Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 156.*

mentos adquiridos em prol do progresso da ciência e da nação.[40]

A primeira fase de circulação de A Forja foi de maio de 1955 a junho de 1967, com uma interrupção entre o final de 1958 e o início de 1960, provocada pelo SOE e pela direção, após críticas à atuação do SOE e à falta de interação entre professores e alunos (MAFRA, 2006). Vale registrar que o retorno da publicação de A Forja ocorre no contexto de vigência das CSE. Já teria sido efeito das CSE?

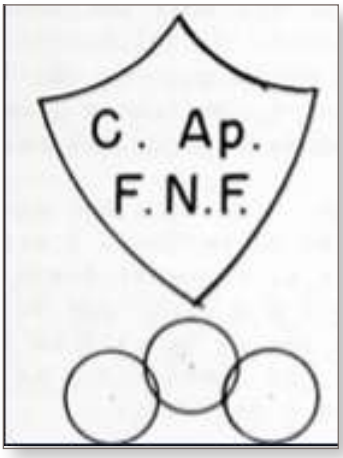
Com o fim do regime democrático em 1964, novos desafios vão se impor. Em 1966, o impresso passou a criticar explicitamente a censura que estava sofrendo pela diretora Irene Estevão de Oliveira, publicando espaços em branco, apenas com o título das matérias proibidas, em uma tentativa de denúncia. Já em 1967, o grêmio e o jornal foram fechados por um longo período.

O início da fase 2, chamada assim no inventário produzido pelo Proedes/UFRJ, ocorreu apenas em outubro de 1979 e o encerramento em 1998, de acordo com o mesmo documento. Não por acaso, a retomada da publicação ocorreu durante o início da abertura política e a crise do regime civil-militar. Passada a reforma 5.692/1971, que implantou uma nova estrutura curricular no ensino básico, e o fim das CSE, A Forja simboliza a retomada da memória de resistência de uma cultura escolar forjada na construção da consciência crítico-política.

O primeiro número de A Forja foi publicado no dia 1º de maio de 1955 e foi editado pela Fundação Getúlio Vargas (Anexo 9). A direção da revista foi composta pelo conselho da caixa escolar, órgão criado em 16 de abril de 1953. Os redatores eram um grupo de alunos - mas eventualmente professores, funcionários e convidados também escreviam artigos -, a revisora era a professora Adolfina Portela Bonapace e o con-

40 CARDOSO, Paulo Roberto. "O nome da nossa revista". A Forja (Ano I, nº 1), maio de 1955. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 138.

selheiro era Ary Sartorato, coordenador do CAp. Uma das maneiras da caixa escolar obter recursos era a venda de flâmulas do CAp, criada por ex-estudantes e confeccionada por estudantes femininas da 3ª e da 4ª séries do ginasial. As cores verde e branco da bandeira simbolizavam a concretização de suas aspirações e o seu lema era "Ciência, Inteligência e Vontade", representado pelos três círculos do saber.



Em uma edição de 1960 consta a pretensão de publicar semanalmente o jornal, mas isso não foi mantido por muito tempo. A quantidade de números foi reduzida drasticamente nos anos seguintes. Se, em 1960, foram publicados 12 números, em 1961, foram seis, e, em 1962, apenas três. A promessa, em 1962, passou, então, a uma publicação mensal devido à falta de verbas e à opção por manter a sua qualidade e não a quantidade. Segundo a equipe de redação, A Forja seria o órgão que mais poderia garantir a união do colégio. Os alunos desejavam que o CAp fosse sempre um corpo unido e que trabalhasse em conjunto, por isso pediam que todos - alunos, professores, coordenadores e licenciandos - escrevessem para o jornal.[41]

41 "Editorial". A Forja (Ano VI, s/nº), maio de 1961. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 143.

Em 1961, foram publicadas matérias contrárias e favoráveis à existência da caixa escolar, órgão que coletava as contribuições financeiras e as distribuía entre as diferentes atividades do colégio. Por um lado, acreditava-se que a caixa escolar precisava de uma reestruturação completa, porque teria se voltado para as atividades de clubes e setores do colégio, se afastando da função original de órgão congregador de alunos e, por conseguinte, perdendo o prestígio. Por outro, era visto como presente e atuante apesar das dificuldades financeiras.

A sua defesa girou em torno dos feitos naquele ano: terminou a construção do pátio, colocou uma cadeia de alto-falantes em funcionamento quase sem ajuda - mas que estava parada devido à falta de luz no prédio novo há um tempo por falta de pagamento - e transformou o Setor Social em um órgão conhecido e realizador. O autor do artigo discordava da ideia de que a CE era desprestigiada, porque ela teria tomado parte em um movimento nacional de estudantes, com a concordância de todos pela primeira vez. Além disso, teria conseguido realizar a

Semana do Estudante, por meio do seu Setor Social, com debates sobre a política internacional.[42]

A Semana do Estudante foi instituída em 1960 após uma reunião entre representantes de diversas turmas e setores com o professor Jorg Hutter, do SOE, no intuito de promover maior união entre os alunos do colégio e de enriquecer as suas atividades. O jornal aponta que "foram criadas diversas comissões encarregadas da programação geral" e que seriam realizadas exposições de trabalhos de alunos, sessões de cineclube, palestras e debates (com professores e convidados), programas artísticos, jogos esportivos e gincanas etc.[43] Essa semana também foi

42 "Caixa Escolar, um Órgão Prestigiado". A Forja (Ano VI, nº 6), 17/11/1961. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 145.

43 KOKIS, Sérgio. "Semana do Estudante: primeiras impressões - o que é - por que - para que - como será". A Forja (Ano V, nº 23), 7/10/1960. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 140.

organizada nos anos seguintes e acabou se tornando uma tradição no CAp/UFRJ.

É inegável reconhecer a disposição de jovens estudantes para manter A Forja ativa. Os anos se passaram e os obstáculos ainda permaneciam vivos: problemas de ordem material e relações tensas com a direção do colégio. A Forja, em 1964, ainda lutava contra duas grandes dificuldades: a falta de recursos e a falta de contato entre a equipe do jornal e os alunos do colégio.[44] E, em 1965, um dos problemas mais sérios era a falta de anúncios. Essa escassez de recursos resultou em falhas no jornal e no atraso da publicação de notícias.

Em um de seus números, A Forja explicou seu longo processo de montagem depois da datilografia. Primeiro, eram escolhidos os tipos de letras para cada artigo e cada matéria ficava cerca de uma semana na gráfica. Depois, a equipe corrigia os possíveis erros da gráfica e fazia a paginação do jornal (escolhiam onde os artigos, fotos e desenhos ficariam). Em seguida, as imagens eram enviadas para uma clicheria, cujo trabalho levava de três a quatro dias para ficar pronto. Os clichês, a paginação e a correção dos erros tipográficos eram então levados para a gráfica novamente e era feita mais uma revisão. Finalmente, o jornal era impresso e colocado em circulação no CAp.[45]

A Forja era supervisionada pelo orientador educacional Jorg Hutter, mas em 1963 ela passou a não ter mais o professor supervisor que exercia o controle sobre o que era publicado. O jornal recebeu um voto de confiança de Luiz Alves de Mattos e os próprios alunos fariam a sua "censura", o que não durou muito tempo.

44 "Diálogo". A Forja (nº 1/1964). Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 155.

45 "A feitura da Forja". A Forja (nº 3/1965), outubro de 1965. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 160.

É interessante observar que mesmo no regime democrático, havia uma tensão entre os estudantes responsáveis pela publicação de A Forja e a direção do Colégio de Aplicação. A mesma direção que exaltou a implantação das CSE como parte do esforço de construção de um projeto pedagógico renovador, baseado na concepção de que os alunos deveriam gozar de ampla liberdade de criação. As tensões se agudizaram em plena ditadura civil-militar, quando já não era possível o convívio de um regime ditatorial com a liberdade de crítica de jovens estudantes.

A saída de Luiz Alves de Mattos da direção deixa exposta a crescente onda de autoritarismo que ano a ano vai arrastando os últimos vestígios de uma cultura escolar que se propôs a promover a consciência crítico-política dos estudantes. Em 1966, A Forja comentou sobre a "censurientação" que estava sofrendo. As suas versões originais eram revistas e censuradas pela direção do CAp. Já em 1967, passou a ser orientado por um professor designado pela direção. Em sua última edição, um terço dos artigos havia sido censurado, o que levou a uma redução drástica de páginas do jornal - a intenção era publicar um jornal com doze páginas, mas somente quatro foram permitidas.

Os títulos de artigos censurados foram os seguintes: "Subdesenvolvimento ou o que será de nós", "Os estudantes e os idiotas", "Westmoreland: o paladino do sudeste", "Fome: mito e realidade" e "LSD: mais um capítulo do idealismo americano". O novo presidente do grêmio estudantil afirmou que o trabalho da entidade era atuar no esclarecimento e formação de todos os estudantes, não devendo ser alvo de sanções e limitações. E enfatizou que o grêmio não era instrumento de nenhum partido político e que suas posições refletiam exclusivamente as aspirações de seus colegas.[46]

46 LEMOS, Álvaro. "Discurso de posse do nôvo presidente do G.O.C.N.". A Forja (Ano XII, nº 2), junho de 1967. Arquivo localizado no PROEDES/UFRJ sob o nº CAP 059 DISC 162.

O grêmio estudantil

Em 1963, a caixa escolar foi transformada em grêmio estudantil. Nesse mesmo ano, o conselho de representantes decidiu em uma reunião no dia 18 de maio, por unanimidade, mudar o nome do grêmio para Grêmio Odylo Costa Neto (GOCN), em homenagem ao colega assassinado em um assalto em Santa Teresa. Para A Forja, o grêmio completava a formação escolar, uma vez que contribuía para o desenvolvimento de um sentido artístico no aluno (teatro, cinema etc.), mediante a criação de oportunidades para a expressão de suas ideias e sentimentos. Além disso, ligava o estudante com a realidade que o cerca, por meio de palestras e jornais (tanto murais quanto impressos). Isso contribuía para o seu amadurecimento intelectual e para uma atuação essencialmente consciente perante a evolução social, política e cultural.[47]

A Forja enfatizou que o grêmio ajudaria os alunos a participarem e a se integrarem na vida do colégio. O aluno seria o fator principal para sua própria educação, segundo as novas concepções pedagógicas do período. Para Afrânio Raul Garcia Júnior, "o grêmio tem por funções promover atividades recreativas e culturais, e representar o corpo discente junto ao diretor e aos professores, ou em atividades externas". [48]

Essas atividades aumentariam o interesse dos estudantes pelo colégio, que deixaria de ser visto apenas como o local onde se aprende conhecimentos teóricos. Além disso, as atividades culturais (as palestras, o jornal colegial, o jornal-mural, o cinema, o teatro) dariam uma visão global da realidade e promoveriam trocas de experiências e de opiniões entre os estudantes. Já os esportes, as festas e as excursões garantiriam o maior contato entre os alunos.

47 "O ensino e o grêmio". A Forja (Ano XII, nº 2), junho de 1967. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 159.

48 GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. "O que é o grêmio". A Forja (nº 1/1964). Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 155.

A atuação dos estudantes do CAp/UFRJ ia além dos muros do colégio. Em 1962, alguns capianos participaram do XVI Congresso dos Estudantes Secundários, organizado pela Associação Metropolitana de Estudantes Secundários (Ames). Um dos cinco membros de sua bancada se tornou presidente da Comissão de Programa Mínimo, que estabelecia os pontos mínimos a serem cumpridos pela diretoria eleita. Outros dois foram convidados aos cargos de secretário-geral e de presidente, mas as suas chapas perderam. Eles se preocuparam em manter uma posição absolutamente independente no congresso (de não se filiar a nenhuma corrente), compromisso assumido pela bancada ao se submeter à aprovação pela caixa escolar e pela diretoria do colégio, mas também de não ser um mero assistente. A bancada do CAp UFRJ teria buscado defender os interesses de uma ala progressista e reformista dentro do movimento estudantil guanabarino. Assim,

> defendeu a descentralização da entidade e a criação de grêmios estudantis, como uma forma de aproximação da entidade com as bases estudantis; lutou por uma campanha de alfabetização patrocinada pela Ames e a promoção de atividades culturais, recreativas, sociais e assistenciais aos colégios de alunos de um baixo nível social e votou a favor de medidas contra a majoração de mensalidades em colégios particulares e o barateamento do livro didático.[49]

A campanha de alfabetização foi algo bastante defendido em A Forja, que pedia a participação de seus leitores como alfabetizadores e criticava a noção de educação e de cultura como propriedades de uma elite. Para a equipe, esse era um dos grandes problemas sociais no Brasil e essa luta deveria ser um dos princípios do estudante brasileiro.[50] Em um de seus números foram abordadas as finalidades do colégio e

49 "CAp na AMES". A Forja (Ano VII, nº 3), 12/12/1962. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 148.

50 "Diálogo". A Forja (nº 1/1964). Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 155.

os objetivos dos alunos. O artigo apoiava a busca pelo sucesso social ao invés do individual, isto é, a contribuição para um mundo melhor ao invés de apenas tirar notas altas e passar no vestibular.[51] E, em um discurso de formatura, foi apontado o compromisso dos capianos de batalhar por um mundo mais humano.[52]

Os estudantes em ação

A festa junina, A Forja e o grêmio são viabilizados graças à mobilização dos estudantes, um dos agentes centrais na construção da cultura escolar capiana. Mas quem seriam esses estudantes? Que vínculos possuem com as CSE? Por meio da fonte administrativa Dados informativos sobre as turmas experimentais do CAp da FNFI em 1960, tivemos acesso a três listas com o nome dos alunos matriculados nas duas primeiras séries experimentais do curso ginasial em 1960. Em diferentes momentos, de 1960 a 1967, uma parte deles atuou no jornal A Forja, na caixa escolar e no grêmio estudantil, o GECAp. Entre os que integraram uma ou mais dessas associações do Colégio de Aplicação da UFRJ, estão: Carlos Bernardo Vainer, Jorge Alexandre Faure Pontual, José Maurício Gradel, Marcos Dantas Borges, todos da turma B da 1ª série; Afrânio Raul Garcia Júnior, da turma B da 2ª série; José Fernando Cosentino Tavares e Eduardo Tavares Homem, os dois da turma C da 2ª série. Em 1966, os cinco primeiros formaram, junto a Eduardo Homem e a outros discentes, a equipe de edição do periódico sob a direção de Franklin Martins.

Afrânio Garcia foi presidente da caixa escolar e do grêmio estudantil e nomeou José Fernando Tavares, secretário e redator-chefe de A Forja,

51 "Objetivos do Zé Capiano". A Forja (nº 2/1964). Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 156.

52 LOPES, José Sérgio Leite. "Formatura 1962". A Forja (Ano VIII, nº 1), abril de 1963. Documento arquivado em Arquivo CAp, no PROEDES/UFRJ, sob o nº CAP 059 DISC 149.

para ser um dos membros da comissão de redação dos estatutos do GECAp. Desse modo, percebemos a participação de jovens selecionados para as classes secundárias experimentais em cargos de liderança nos órgãos oficiais de representação estudantil do CAp/UFRJ. Posteriormente, alguns deles, inclusive, adotaram a via armada como forma de resistência à ditadura civil-militar implantada em 1964. Bruno Dauster Magalhães e Silva, da turma B da 1ª série ginasial, em 1960, declarou em entrevista a Patricia Mafra que havia quatro estudantes banidos em sua turma.

> [...] muitos estudantes que antes organizavam passeatas, dirigiam grêmios e diretórios acadêmicos, levados pela repressão crescente, entraram para a clandestinidade e para a luta armada. Uma quantidade significativa desses jovens e adolescentes estudava no CAp.
>
> Os depoimentos de Cid Benjamin e Marcos Dantas, dois capianos que se engajaram na luta armada, são bastante ilustrativos disso. O primeiro diz que, ao ser interrogado, um militar o acusou de influenciar o irmão, César Benjamin, a também ser subversivo, mas seu colega da repressão atalhou: "Não é não, o César também estudou no CAp." O segundo conta que em seu interrogatório, ao contar que havia estudado no CAp, o policial disse: "Você também?". Outro dado interessante é o que Bruno Dauster levanta, ao afirmar que em sua turma teria havido quatro banidos. "Eu duvido que você encontre em qualquer escola do Brasil quatro banidos na mesma turma. Na mesma escola eu já acho pouco provável. Seguramente metade da turma era militante." Muitos outros alunos do CAp também ingressaram na luta armada, tais como: Álvaro Lemos, Jaime Benchimol, Alfredo Sirkis, Carlos Minc, Carlos Vainer, Franklin Martins e o próprio César Benjamim, entre outros (MAFRA, 2006).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao explorarmos a documentação, o que podemos dizer é que o Colégio de Aplicação apresenta um leque muito vasto de possibilidades investigativas: as disciplinas escolares, os projetos de ensino, as mudanças curriculares, a cultura juvenil, o associativismo docente, a cultura escolar capiana. Sem dúvida, todos são temas que instigam a curiosidade, a continuidade e o aprofundamento da pesquisa.

Tendo alinhavado as temáticas, as nossas impressões são de que adentrar na história do Colégio de Aplicação é exercício de razoável complexidade. Tais características não se relacionam ao fato de ser uma escola especial, mas à especificidade de sua existência: uma escola vinculada administrativamente à universidade, cujas relações tecidas no espaço capiano sofrem profundo impacto da vida acadêmica. Aliás, como é possível perceber, o colégio compartilha com as demais escolas públicas uma história de carência material, incompreensível se considerarmos o caráter de uma instituição que se pretendia modelo, mas plenamente compreensível se tomarmos como métrica que a consolidação do espaço público de ensino - marca do século XX - foi fruto de árdua luta social, e que continua ainda hoje diante dos impasses dos dilemas da modernidade.

Ao enfrentar o desafio de explorar a história do Colégio de Aplicação da UFRJ, nos propusemos a operar no âmbito da História da Educação. Nesse sentido, durante os anos de 2022 e 2024, o grupo de pesquisa vem investigando a história do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp/UFRJ). Entendemos que este trabalho contribuiu para compor o leque de instituições investigadas no âm-

bito do projeto Sua Escola Tem História, que aborda a história de instituições escolares públicas do estado do Rio de Janeiro. Ao nos propormos a pesquisar o processo de implantação e de desenvolvimento das classes secundárias experimentais (CSE) do CAp/UFRJ a partir de 1959, acabamos por adentrar na cultura escolar capiana.

A proposta investigativa tem sido compreender como esta cultura foi tecida. É inegável reconhecer que as CSE tiveram papel importante na construção da cultura escolar capiana. No entanto, o projeto não aconteceu em uma folha de papel em branco. Talvez, o fio condutor seja a própria trajetória do ex-monge beneditino e diretor Luiz Alves de Mattos, pautada pela busca do equilíbrio entre inovação e preservação de tradições, entre liberdade e imposições de limites, entre racionalidade científica e as tradições patrimonialistas/personalistas brasileiras.

Ao explorar as fontes escolares, foi possível perceber que essas não são objetos estáticos, mas sim vestígios de uma escola em movimento; são a materialização de sonhos não apenas individuais, mas também coletivos. Não raro uma fonte que era explorada para um fim determinado, acabava por abrir as portas para outras nuances da dinâmica escolar. Mas também descobrimos os limites das fontes; entre a intenção, expressa em um documento que perpassa uma orientação pedagógica, e a sua realização há um complexo processo de construção de saberes escolares, mediados por disciplinas escolares e saberes não formais, tecidos nas relações sociais que cruzam os diversos espaços escolares.

A pesquisa contribuiu para reafirmar a importância da pesquisa histórica em Educação, especialmente considerando o tema das inovações educacionais, sempre muito presente no debate contemporâneo. O estudo das reformas educacionais – em seus diferentes matizes e dimensões – nos diz muito sobre a maneira pela qual a comunidade escolar vivencia as mudanças e se relaciona com a inovação e o quanto há de inovação nas propostas quando são efetivamente implantadas.

No caso do Colégio de Aplicação, os limites eram visíveis no espaço escolar. O tempo disciplinar da proposta pedagógica era modelado por uma arquitetura inadequada.

Este livro se soma ao debate acerca das classes secundárias experimentais, projeto pedagógico que foi esquecido durante décadas, embora o CAp/UFRJ já tenha sido objeto de pesquisa nos programas de pós-graduação. A pesquisa em curso vem demonstrando que mesmo fontes já exploradas podem e devem ser revisitadas desde que submetidas a novos tratamentos, novas abordagens metodológicas e novas questões. Este é o caso das gravações utilizadas por Alzira Abreu, arquivadas na Fundação Getúlio Vargas (FGV), conforme nos informa Alessandra e Franchi (2020, p. 14), e que podem e devem ainda ser exploradas.

É lícito afirmar que o projeto acabou por concretizar um dos objetivos do Colégio de Aplicação, qual seja, o de ser um lugar de experiências educacionais. Aqui, nos referimos não à experimentação pedagógica em sala de aula, sem negar a relevância do ensino e da sala de aula no ambiente escolar, evidentemente. Mas, neste texto, buscamos destacar o trabalho com a produção do saber científico. Levar o debate sobre ciência, política e cultura para a escola é uma tarefa urgente, especialmente em tempos de negacionismos. Mais do que nunca, o fazer ciência e seu debate na escola é obrigação da universidade e das agências científicas.

Assim, a partir de documentos produzidos pela administração escolar do CAp/UFRJ e da literatura acadêmica, nos propomos a iniciar uma reflexão sobre as características desse experimento pedagógico que aspirava promover a renovação do ensino secundário (ginasial e colegial, correspondentes aos atuais ensinos fundamental II e médio) e da formação docente no Brasil, nos anos 1950-1960. Pesquisar as mudanças no ensino é contribuir em parte para a participação qualificada no debate sobre as atuais propostas de renovação que vem sendo criticadas e implantadas, em especial, com o chamado Novo Ensino Médio.

Por fim, esperamos que este *e-book* sirva para que futuros pesquisadores e o público em geral possam explorar o fascinante mundo da história das instituições escolares, em particular as classes secundárias experimentais, um projeto de renovação de ensino implementado nos anos 1950 e 1960, que apresenta um grande potencial de investigação.

Referências

ABREU, Alzira Alves de. **Intelectuais e Guerreiros: o Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio/Zahar, 1988.

BENITO, Agustín Escolano. **A escola como cultura: experiência, memória, arqueologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

_____. **Tiempos y espacios para la escuela: ensayos históricos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.

CARVALHO, Alessandra; FRANCHI, Isabela Costenaro. Com quantas histórias e memórias se faz uma escola? Um diálogo entre tradições, gerações e afetos no CAp UFRJ, **Revista Perspectiva em Educação Básica**. n. 5, Rio de Janeiro: CAp/UFRJ. 2021. p. 11-16. Disponível em: <https://perspectivasemeducacao.blogspot.com/2022/04/com-quantas-historias-e-memorias-se-faz.html>. Acesso em: 26/05/2024.

DALLABRIDA, Norberto. Classes Secundárias Experimentais: uma tradição escolar (quase) esquecida. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 17, n. 3, jul./set. 2017. p. 197-218. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38438/pdf>. Acesso em 27/05/2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História como ofício: a construção de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FRAGO, Antonio Viñao. A história das disciplinas escolares. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. set./dez. 2008. p.173-215.

FALCON, Francisco José Calazans. **Estudos de teoria da História e historiografia**. Volume I: teoria da história. São Paulo: HUCITEC, 2011.

FONSECA, Maria Verônica Rodrigues da. A História da disciplina acadêmica Didática Geral na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da Universidade do Brasil: um olhar arqueológico. In: **Educar em Revista**, Curitiba: UFPR, n. 55, jan./mar. 2015. p. 229-246. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Ct3P6hKc4xw87TKJk8M4zby/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26/05/2024.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 133-161.

_____. Pensando as transformações e a recepção da micro-história no debate histórico hoje. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de & ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (orgs.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 131-154.

KAIUKA, Miriam Abduche; LÓPEZ, Emilio Mira y; PAGE, Cheilamar Prates (orgs). **Gratidão e memórias dos capianos de todos os tempos ao CAp-UFRJ**. s/editora. 2023.

MAFRA, Patricia Henriques. **Uma escola contra a ditadura: a participação política do CAp-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968)**. 2006. 146f. Dissertação (mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Ludmila Gama. **O historiador e o agente da história: os embates políticos travados no curso de história da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1959-1969**). 152 f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2010.

REVEL, Jacques. Micro-análise e construção do social. In: REVEL, J. (org.) **Jogo de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 15-37.

____. Micro-história e macro-história: o que as variações de escalas ajudam a pensar um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26/05/2024.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

____. O legado educacional do "Longo século XX" brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 9-57.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, Fernanda Gomes. **Serviço de Orientação Educacional do Colégio de Aplicação da FNFi: O governo dos estudantes das Classes Secundárias Experimentais (1959-1961)**. 2023. 125f. Dissertação (mestrado em História da Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2023.

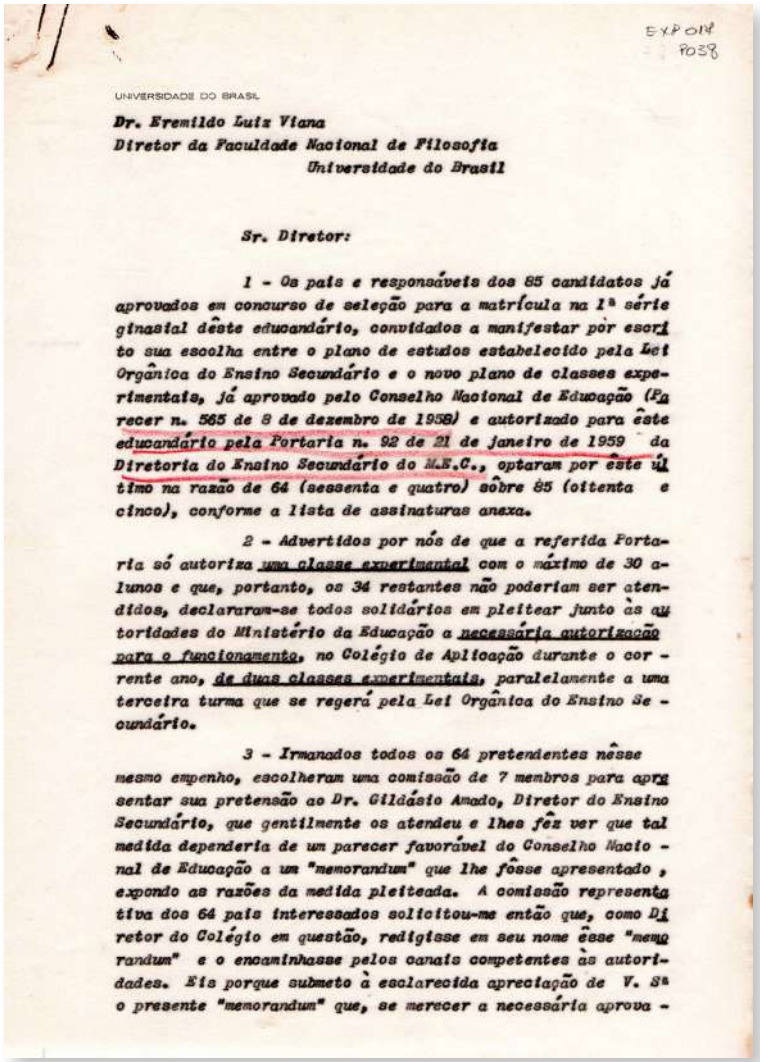
XAVIER, Libânia Nacif. **A República e o movimento internacional da escola nova: atores, experiências e legado histórico**. In: MOURÃO, Alda e GOMES, Ângela de Castro. (orgs.). A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal. 2ed. Coimbra-Rio de Janeiro: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, v. 1. p. 279-316.

XAVIER, Libânia; MOGARRO, Maria João. Itinerários profissionais de professores no Brasil e Portugal: redes de intercâmbio no contexto de expansão do movimento da escola nova. In: **Revista História da Educação** - RHE. Porto Alegre. v. 15, n. 34. jan./abr. 2011. p. 117-136. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627140006.pdf>. Acesso em: 25/05/2024.

XAVIER, Libânia Nacif; PINHEIRO, José Gledison Rocha. **Da LabSchool de Chicago às Escolas Experimentais do Rio de Janeiro dos anos 1930**. Porto Alegre: Hist. Educ. (on-line), v. 20, n. 50, p. 177-191, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321646882012.pdf>. Acesso em: 26/05/2024.

ANEXOS

ANEXO 1 - Relatório do prof. Luiz Alves de Mattos ao Dr. Eremildo Luiz Vianna (1959)



EXP 018
P038

UNIVERSIDADE DO BRASIL

Dr. Eremildo Luiz Viana
Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia
Universidade do Brasil

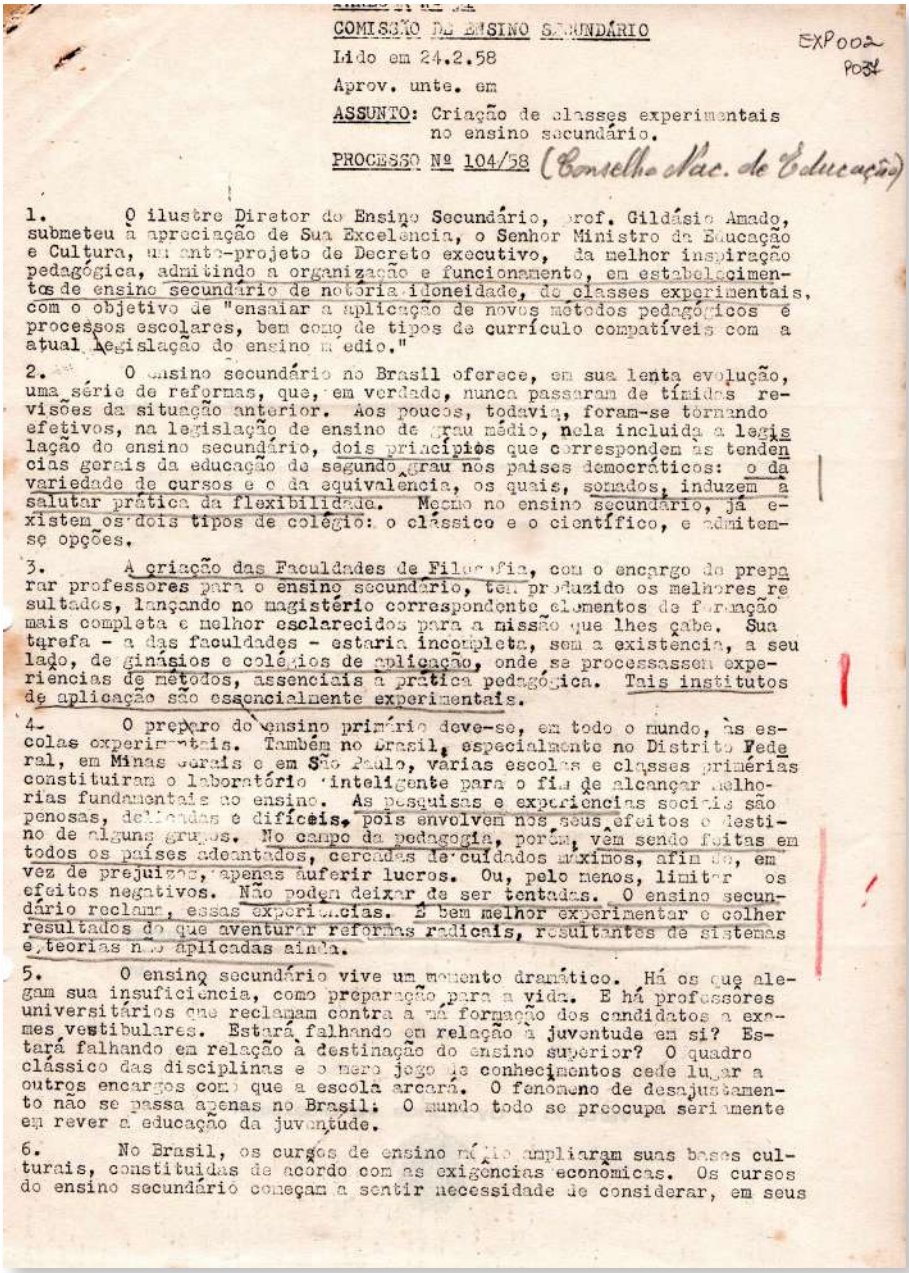
Sr. Diretor:

1 - Os pais e responsáveis dos 85 candidatos já aprovados em concurso de seleção para a matrícula na 1ª série ginasial dêste educandário, convidados a manifestar por escrito sua escolha entre o plano de estudos estabelecido pela Lei Orgânica do Ensino Secundário e o novo plano de classes experimentais, já aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (Parecer n. 565 de 8 de dezembro de 1958) e autorizado para êste educandário pela Portaria n. 92 de 21 de janeiro de 1959 da Diretoria do Ensino Secundário do M.E.C., optaram por este último na razão de 64 (sessenta e quatro) sôbre 85 (oitenta e cinco), conforme a lista de assinaturas anexa.

2 - Advertidos por nós de que a referida Portaria só autoriza uma classe experimental com o máximo de 30 alunos e que, portanto, os 34 restantes não poderiam ser atendidos, declararam-se todos solidários em pleitear junto às autoridades do Ministério da Educação a necessária autorização para o funcionamento, no Colégio de Aplicação durante o corrente ano, de duas classes experimentais, paralelamente a uma terceira turma que se regerá pela Lei Orgânica do Ensino Secundário.

3 - Irmanados todos os 64 pretendentes nêsse mesmo empenho, escolheram uma comissão de 7 membros para apresentar sua pretensão ao Dr. Gildásio Amado, Diretor do Ensino Secundário, que gentilmente os atendeu e lhes fêz ver que tal medida dependeria de um parecer favorável do Conselho Nacional de Educação a um "memorandum" que lhe fôsse apresentado, expondo as razões da medida pleiteada. A comissão representativa dos 64 pais interessados solicitou-me então que, como Diretor do Colégio em questão, redigisse em seu nome êsse "memorandum" e o encaminhasse pelos canais competentes às autoridades. Eis porque submeto à esclarecida apreciação de V. Sª o presente "memorandum" que, se merecer a necessária aprova -

ANEXO 2 - *Parecer nº 31/58* que dispõe sobre a criação das classes experimentais no ensino secundário (1958)



COMISSÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO

EXP002
P038

Lido em 24.2.58

Aprov. unte. em

ASSUNTO: Criação de classes experimentais no ensino secundário.

PROCESSO Nº 104/58 (Conselho Nac. de Educação)

1. O ilustre Diretor do Ensino Secundário, Prof. Gildásio Amado, submeteu à apreciação de Sua Excelência, o Senhor Ministro da Educação e Cultura, um ante-projeto de Decreto executivo, da melhor inspiração pedagógica, admitindo a organização e funcionamento, em estabelecimentos de ensino secundário de notória idoneidade, de classes experimentais, com o objetivo de "ensaiar a aplicação de novos métodos pedagógicos e processos escolares, bem como de tipos de currículo compatíveis com a atual legislação do ensino médio."

2. O ensino secundário no Brasil oferece, em sua lenta evolução, uma série de reformas, que, em verdade, nunca passaram de tímidas revisões da situação anterior. Aos poucos, todavia, foram-se tornando efetivos, na legislação de ensino de grau médio, nela incluída a legislação do ensino secundário, dois princípios que correspondem às tendências gerais da educação de segundo grau nos países democráticos: o da variedade de cursos e o da equivalencia, os quais, somados, induzem à salutar prática da flexibilidade. Mesmo no ensino secundário, já existem os dois tipos de colégio: o clássico e o científico, e admitem-se opções.

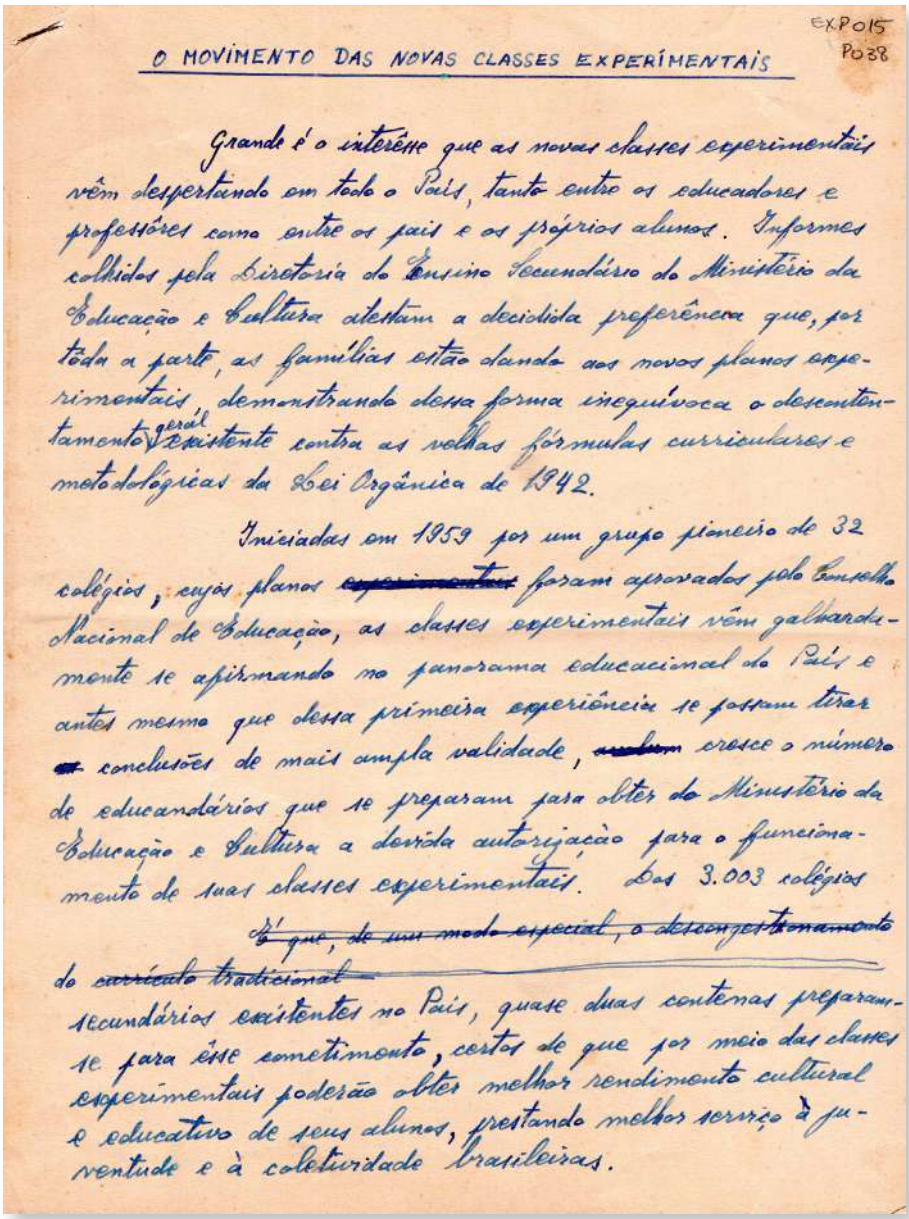
3. A criação das Faculdades de Filosofia, com o encargo de preparar professores para o ensino secundário, tem produzido os melhores resultados, lançando no magistério correspondente elementos de formação mais completa e melhor esclarecidos para a missão que lhes cabe. Sua tarefa - a das faculdades - estaria incompleta, sem a existência, a seu lado, de ginásios e colégios de aplicação, onde se processassem experiencias de métodos, assenciais à prática pedagógica. Tais institutos de aplicação são essencialmente experimentais.

4. O preparo do ensino primário deve-se, em todo o mundo, às escolas experimentais. Também no Brasil, especialmente no Distrito Federal, em Minas Gerais e em São Paulo, várias escolas e classes primárias constituiram o laboratório inteligente para o fim de alcançar melhorias fundamentais no ensino. As pesquisas e experiencias sociais são penosas, delicadas e difíceis, pois envolvem nos seus efeitos o destino de alguns grupos. No campo da pedagogia, porém, vem sendo feitas em todos os países adeantados, cercadas de cuidados máximos, afim de, em vez de prejuizos, apenas auferir lucros. Ou, pelo menos, limitar os efeitos negativos. Não podem deixar de ser tentadas. O ensino secundário reclama, essas experiencias. É bem melhor experimentar e colher resultados do que aventurar reformas radicais, resultantes de sistemas e teorias não aplicadas ainda.

5. O ensino secundário vive um momento dramático. Há os que alegam sua insuficiencia, como preparação para a vida. E há professores universitários que reclamam contra a má formação dos candidatos a exames vestibulares. Estará falhando em relação à juventude em si? Estará falhando em relação à destinação do ensino superior? O quadro clássico das disciplinas e o mero jogo de conhecimentos cede lugar a outros encargos com que a escola arcará. O fenomeno de desajustamento não se passa apenas no Brasil. O mundo todo se preocupa seriamente em rever a educação da juventude.

6. No Brasil, os cursos de ensino médio ampliaram suas bases culturais, constituidas de acordo com as exigencias economicas. Os cursos do ensino secundário começam a sentir necessidade de considerar, em seus

ANEXO 3 - Primeira página do documento *O movimento das novas classes experimentais* (1959)



EXPOIS
P038

O MOVIMENTO DAS NOVAS CLASSES EXPERIMENTAIS

Grande é o interêsse que as novas classes experimentais vêm despertando em todo o País, tanto entre os educadores e professôres como entre os pais e os próprios alunos. Informes colhidos pela Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura atestam a decidida preferência que, por tôda a parte, as famílias estão dando aos novos planos experimentais, demonstrando dessa forma inequívoca o descontentamento geral existente contra as velhas fórmulas curriculares e metodológicas da Lei Orgânica de 1942.

Iniciadas em 1959 por um grupo pioneiro de 32 colégios, cujos planos ~~experimentais~~ foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação, as classes experimentais vêm galhardamente se afirmando no panorama educacional do País e antes mesmo que dessa primeira experiência se possam tirar ~~as~~ conclusões de mais ampla validade, ~~muitos~~ cresce o número de educandários que se preparam para obter do Ministério da Educação e Cultura a devida autorização para o funcionamento de suas classes experimentais. Dos 3.003 colégios ~~é que, de um modo especial, o desenvolvimento do currículo tradicional~~ secundários existentes no País, quase duas centenas preparam-se para êsse cometimento, certos de que por meio das classes experimentais poderão obter melhor rendimento cultural e educativo de seus alunos, prestando melhor serviço à juventude e à coletividade brasileiras.

ANEXO 4 - *Sondagem preliminar de opinião dos professores do CAp para a reforma das classes experimentais* (1963)

EXP093
P043

SONDAGEM PRELIMINAR DE OPINIÃO DOS PROFESSÔRES DO C.Ap.
PARA A REFORMA DAS CLASSES EXPERIMENTAIS

Sr. Professor

Contando com sua valiosa cooperação na elaboração de uma reforma do currículo e processos das "Classes Experimentais do C.Ap." para 1964, solicito responder por escrito aos quesitos do presente questionário de sondagem e entregá-lo à Prof. Maria Emilia Saltiel, chefe do S.O.E., até 30 do corrente.

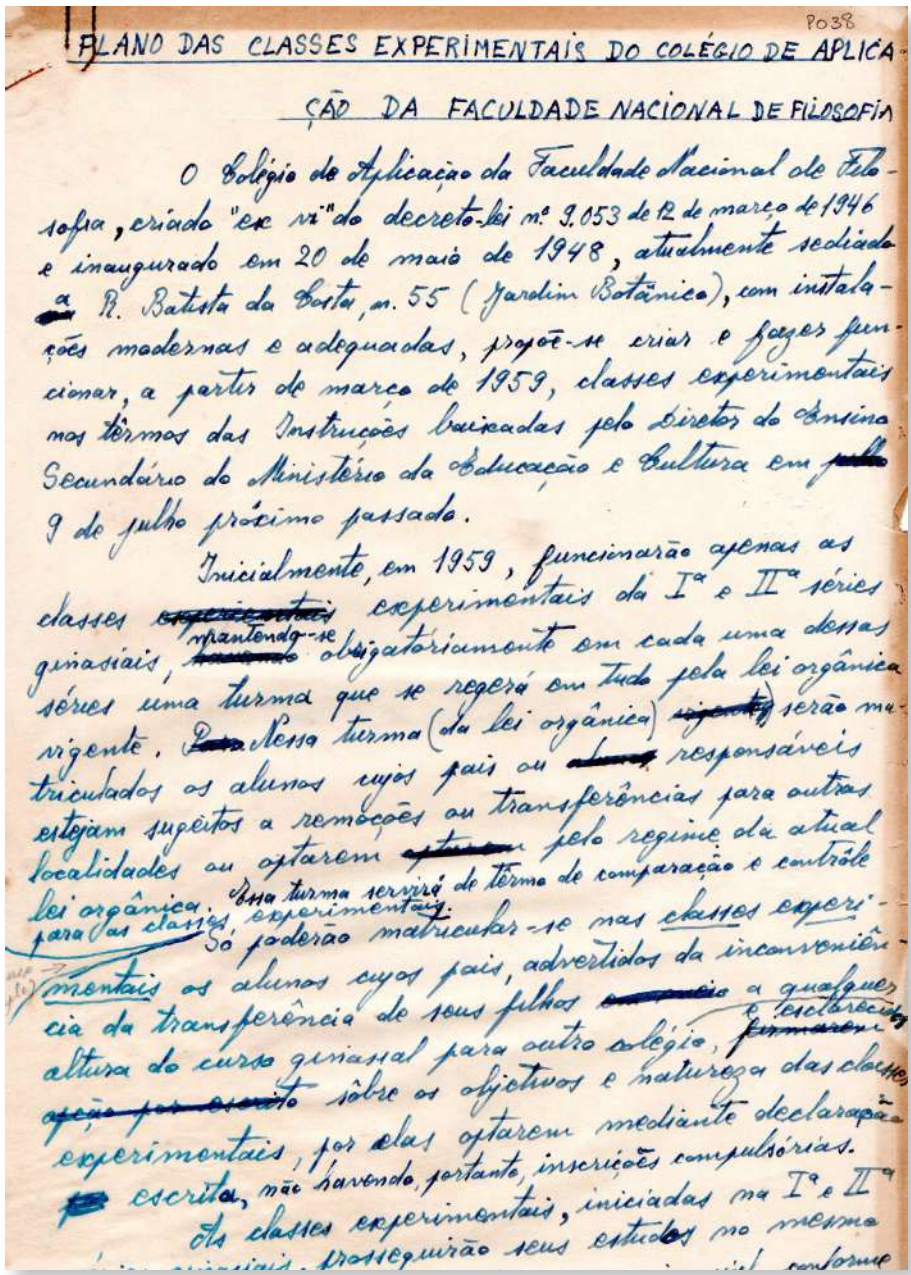
1. No seu ponto de vista, quais os objetivos educacionais do C.Ap.?
2. O currículo deve nortear-se por uma orientação de cunho predominantemente científico ou de fundamentação humanística?
3. Como e até que ponto, através de sua matéria, poderão ser alcançados os objetivos gerais do C.Ap.?
4. Que acha do currículo atual das Classes Experimentais do C.Ap.? As atuais disciplinas devem ser mantidas? - ou substituidas? - Quais?
5. Há necessidade e possibilidade da introdução de novas disciplinas? Quais?
6. Quanto a sua matéria, de modo específico, que sugestões apresenta?
7. É conveniente a organização de Disciplinas e seus Programas por professôres especializados, ou por equipes das diferentes cadeiras?
8. Tendo em vista as condições e funcionamento do C.Ap., de que forma pode ser feito o entrosamento entre as materias do currículo experimental?
9. É favorável à programação das cadeiras, independente de uma programação de valores à serem alcançados por tôda a escola?
10. A atual distribuição da carga horária pelas diferentes Disciplinas deve ser mantida ou modificada? Quais as suas sugestões?
11. Na sua matéria, quais os conhecimentos e habilidades indispensáveis que devem os alunos ter adquirido no final do 1º ciclo?
12. Em relação à sua matéria, que programa deveria ser seguido em cada uma das séries?
13. Devem os conceitos serem atribuídos mensalmente ou bimensalmente?
14. Dê as suas sugestões para modificação dos atuais conceitos das Classes Experimentais.

Aguardando seu pronunciamento, subscreve-me, cordialmente,

Ass. LUIZ ALVES DE MATTOS
Diretor do C.Ap.

Maria de Oliveira e Silva
Rio, 30 de setembro de 1963

ANEXO 5 - Primeira página do *Plano das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia* (1959)



Po38

PLANO DAS CLASSES EXPERIMENTAIS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

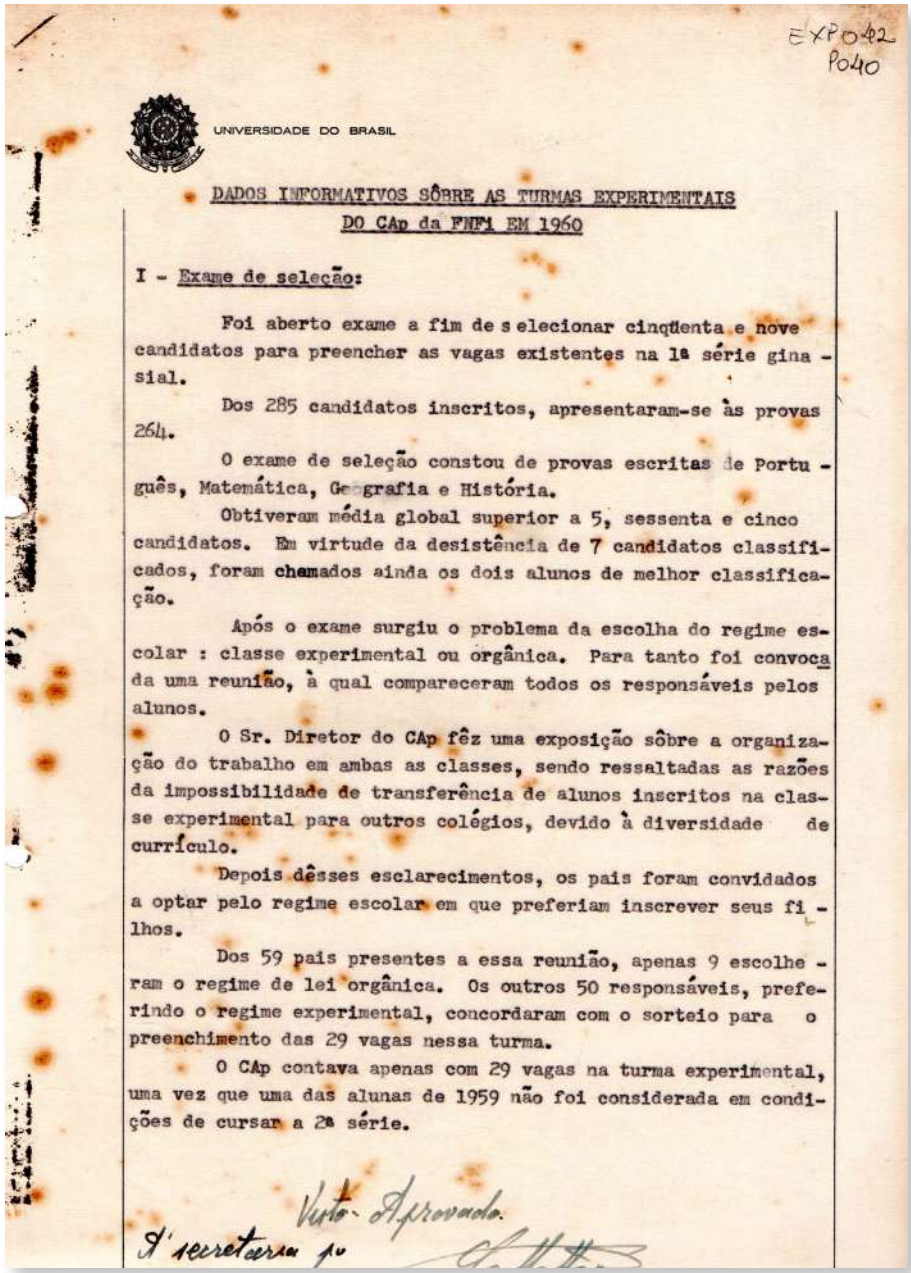
O Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, criado "ex vi" do decreto-lei nº 9.053 de 12 de março de 1946 e inaugurado em 20 de maio de 1948, atualmente sediado à R. Batista da Costa, n. 55 (Jardim Botânico), com instalações modernas e adequadas, projeta criar e fazer funcionar, a partir de março de 1959, classes experimentais nos têrmos das Instruções baixadas pelo diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura em julho 9 de julho próximo passado.

Inicialmente, em 1959, funcionarão apenas as classes ~~experimentais~~ mantendo-se experimentais da Iª e IIª séries ginasiais, ~~mantendo-se~~ obrigatòriamente em cada uma dessas séries uma turma que se regerá em tudo pela lei orgânica vigente. ~~Essa~~ Nessa turma (da lei orgânica) ~~vigente~~ serão matriculados os alunos cujos pais ou ~~[illegible]~~ responsáveis estejam sujeitos a remoções ou transferências para outras localidades ou optarem ~~[illegible]~~ pelo regime da atual lei orgânica. Essa turma servirá de têrmo de comparação e contrôle para as classes experimentais.

Só poderão matricular-se nas classes experimentais os alunos cujos pais, advertidos da inconveniência da transferência de seus filhos ~~[illegible]~~ a qualquer altura do curso ginasial para outro colégio, e esclarecidos ~~[illegible]~~ ~~opção por escrito~~ sôbre os objetivos e natureza das classes experimentais, por elas optarem mediante declaração escrita, não havendo, portanto, inscrições compulsórias.

As classes experimentais, iniciadas na Iª e IIª ~~[illegible]~~ prosseguirão seus estudos no mesmo ~~[illegible]~~ conforme

ANEXO 6 - Dados informativos sôbre as turmas experimentais do CAp da FNFi em 1960



EXP 042
P040

UNIVERSIDADE DO BRASIL

DADOS INFORMATIVOS SÔBRE AS TURMAS EXPERIMENTAIS
DO CAp da FNFi EM 1960

I - Exame de seleção:

Foi aberto exame a fim de selecionar cinqüenta e nove candidatos para preencher as vagas existentes na 1ª série ginasial.

Dos 285 candidatos inscritos, apresentaram-se às provas 264.

O exame de seleção constou de provas escritas de Português, Matemática, Geografia e História.

Obtiveram média global superior a 5, sessenta e cinco candidatos. Em virtude da desistência de 7 candidatos classificados, foram chamados ainda os dois alunos de melhor classificação.

Após o exame surgiu o problema da escolha do regime escolar : classe experimental ou orgânica. Para tanto foi convocada uma reunião, à qual compareceram todos os responsáveis pelos alunos.

O Sr. Diretor do CAp fêz uma exposição sôbre a organização do trabalho em ambas as classes, sendo ressaltadas as razões da impossibilidade de transferência de alunos inscritos na classe experimental para outros colégios, devido à diversidade de currículo.

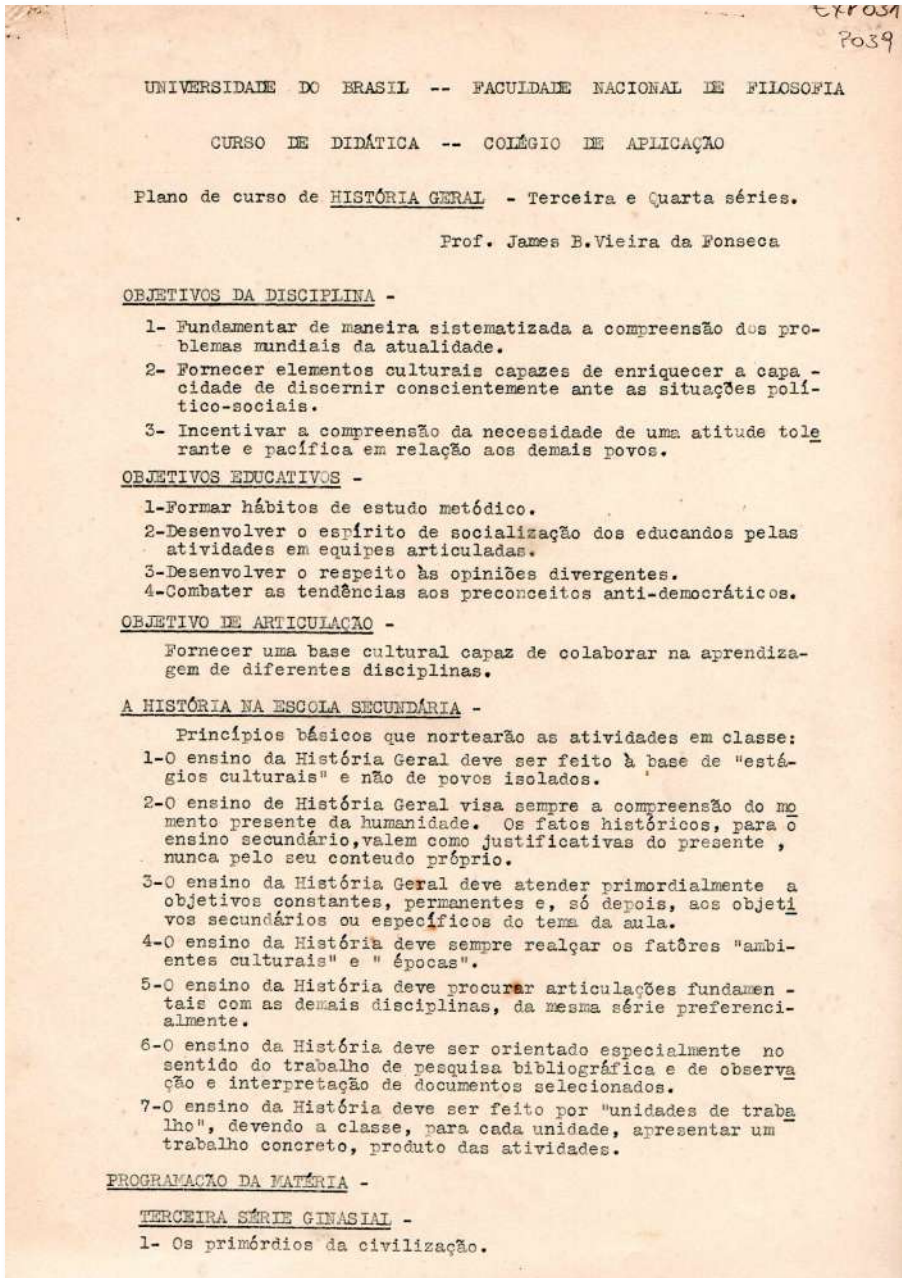
Depois dêsses esclarecimentos, os pais foram convidados a optar pelo regime escolar em que preferiam inscrever seus filhos.

Dos 59 pais presentes a essa reunião, apenas 9 escolheram o regime de lei orgânica. Os outros 50 responsáveis, preferindo o regime experimental, concordaram com o sorteio para o preenchimento das 29 vagas nessa turma.

O CAp contava apenas com 29 vagas na turma experimental, uma vez que uma das alunas de 1959 não foi considerada em condições de cursar a 2ª série.

Visto. Aprovado.
A' secretaria p/

ANEXO 7 - *Plano de curso de História Geral - Terceira e Quarta séries* (1958)



Exposição
P039

UNIVERSIDADE DO BRASIL -- FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

CURSO DE DIDÁTICA -- COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Plano de curso de HISTÓRIA GERAL - Terceira e Quarta séries.

Prof. James B. Vieira da Fonseca

OBJETIVOS DA DISCIPLINA -

1- Fundamentar de maneira sistematizada a compreensão dos problemas mundiais da atualidade.
2- Fornecer elementos culturais capazes de enriquecer a capacidade de discernir conscientemente ante as situações político-sociais.
3- Incentivar a compreensão da necessidade de uma atitude tolerante e pacífica em relação aos demais povos.

OBJETIVOS EDUCATIVOS -

1-Formar hábitos de estudo metódico.
2-Desenvolver o espírito de socialização dos educandos pelas atividades em equipes articuladas.
3-Desenvolver o respeito às opiniões divergentes.
4-Combater as tendências aos preconceitos anti-democráticos.

OBJETIVO DE ARTICULAÇÃO -

Fornecer uma base cultural capaz de colaborar na aprendizagem de diferentes disciplinas.

A HISTÓRIA NA ESCOLA SECUNDÁRIA -

Princípios básicos que nortearão as atividades em classe:

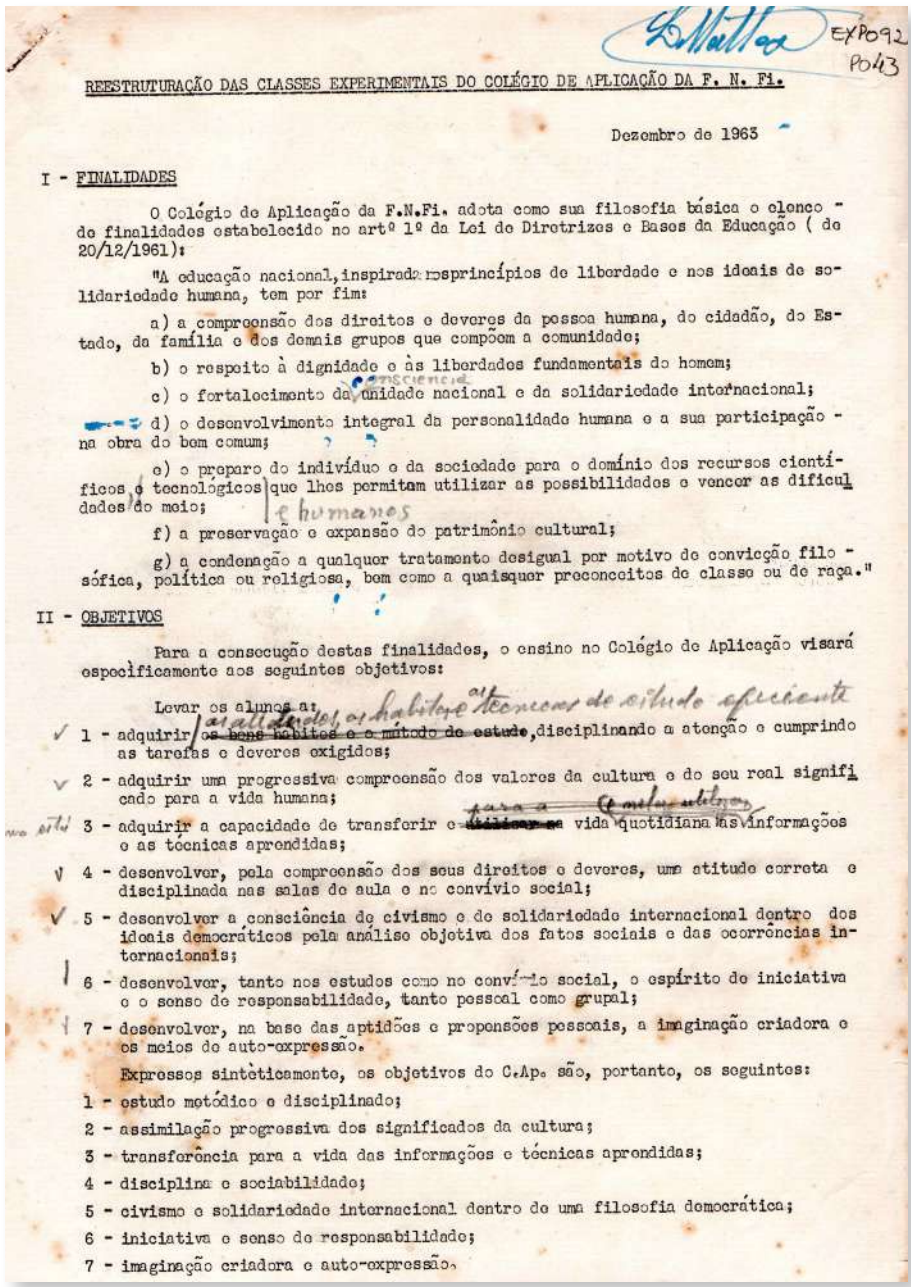
1-O ensino da História Geral deve ser feito à base de "estágios culturais" e não de povos isolados.
2-O ensino de História Geral visa sempre a compreensão do momento presente da humanidade. Os fatos históricos, para o ensino secundário, valem como justificativas do presente, nunca pelo seu conteudo próprio.
3-O ensino da História Geral deve atender primordialmente a objetivos constantes, permanentes e, só depois, aos objetivos secundários ou específicos do tema da aula.
4-O ensino da História deve sempre realçar os fatôres "ambientes culturais" e " épocas".
5-O ensino da História deve procurar articulações fundamentais com as demais disciplinas, da mesma série preferencialmente.
6-O ensino da História deve ser orientado especialmente no sentido do trabalho de pesquisa bibliográfica e de observação e interpretação de documentos selecionados.
7-O ensino da História deve ser feito por "unidades de trabalho", devendo a classe, para cada unidade, apresentar um trabalho concreto, produto das atividades.

PROGRAMAÇÃO DA MATÉRIA -

TERCEIRA SÉRIE GINASIAL -

1- Os primórdios da civilização.

ANEXO 8 - *Reestruturação das Classes Experimentais do Colégio de Aplicação da FNFi (1963)*



EXP092
P043

REESTRUTURAÇÃO DAS CLASSES EXPERIMENTAIS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA F. N. Fi.

Dezembro de 1963

I - FINALIDADES

O Colégio de Aplicação da F.N.Fi. adota como sua filosofia básica o elenco de finalidades estabelecido no artº 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (de 20/12/1961):

"A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;

b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;

c) o fortalecimento da consciência da unidade nacional e da solidariedade internacional;

d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;

e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio; e humanos

f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;

g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça."

II - OBJETIVOS

Para a consecução destas finalidades, o ensino no Colégio de Aplicação visará especificamente aos seguintes objetivos:

Levar os alunos a:

1 - adquirir os bons hábitos e o método de estudo, disciplinando a atenção e cumprindo as tarefas e deveres exigidos;

2 - adquirir uma progressiva compreensão dos valores da cultura e do seu real significado para a vida humana;

3 - adquirir a capacidade de transferir e utilizar as informações e as técnicas aprendidas;

4 - desenvolver, pela compreensão dos seus direitos e deveres, uma atitude correta e disciplinada nas salas de aula e no convívio social;

5 - desenvolver a consciência de civismo e de solidariedade internacional dentro dos ideais democráticos pela análise objetiva dos fatos sociais e das ocorrências internacionais;

6 - desenvolver, tanto nos estudos como no convívio social, o espírito de iniciativa e o senso de responsabilidade, tanto pessoal como grupal;

7 - desenvolver, na base das aptidões e propensões pessoais, a imaginação criadora e os meios de auto-expressão.

Expressos sinteticamente, os objetivos do C.Ap. são, portanto, os seguintes:

1 - estudo metódico e disciplinado;

2 - assimilação progressiva dos significados da cultura;

3 - transferência para a vida das informações e técnicas aprendidas;

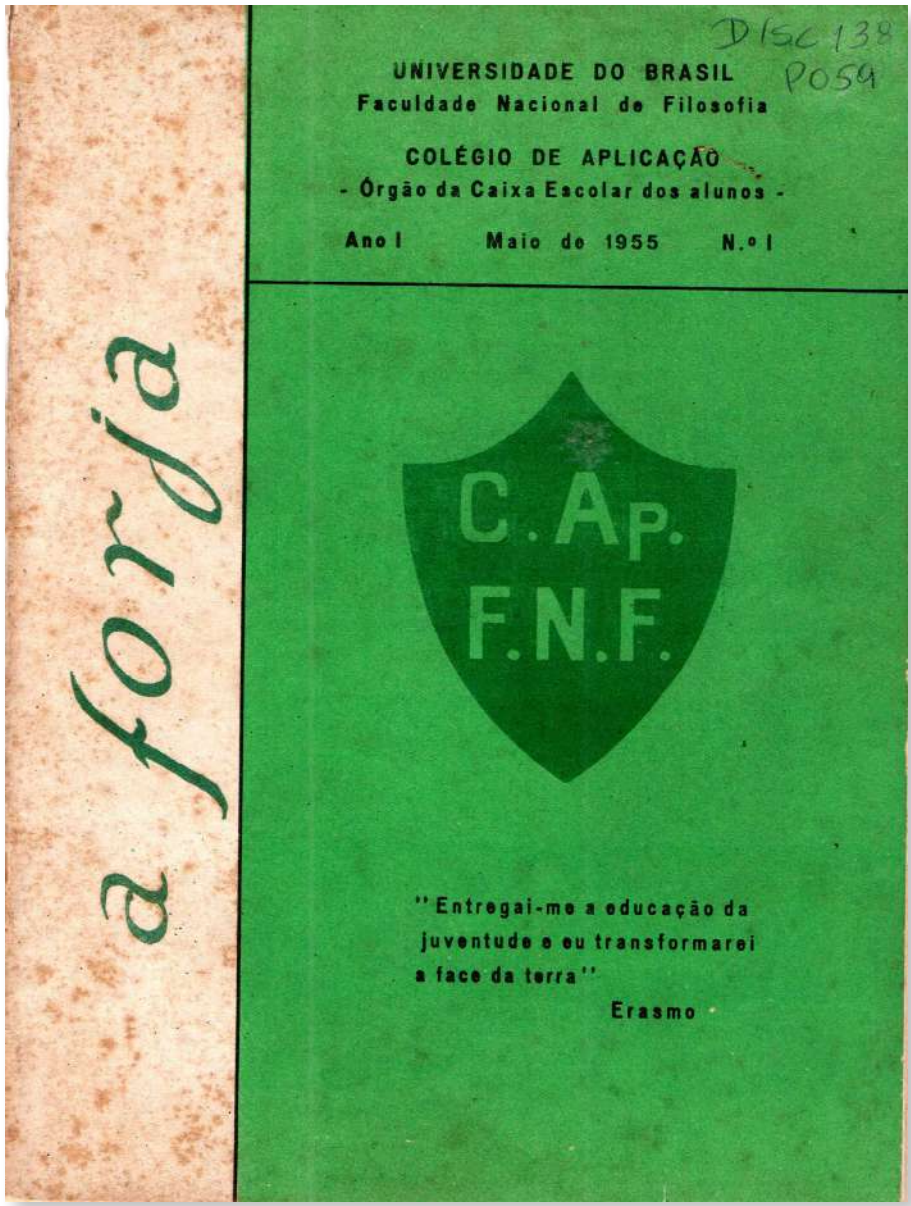
4 - disciplina e sociabilidade;

5 - civismo e solidariedade internacional dentro de uma filosofia democrática;

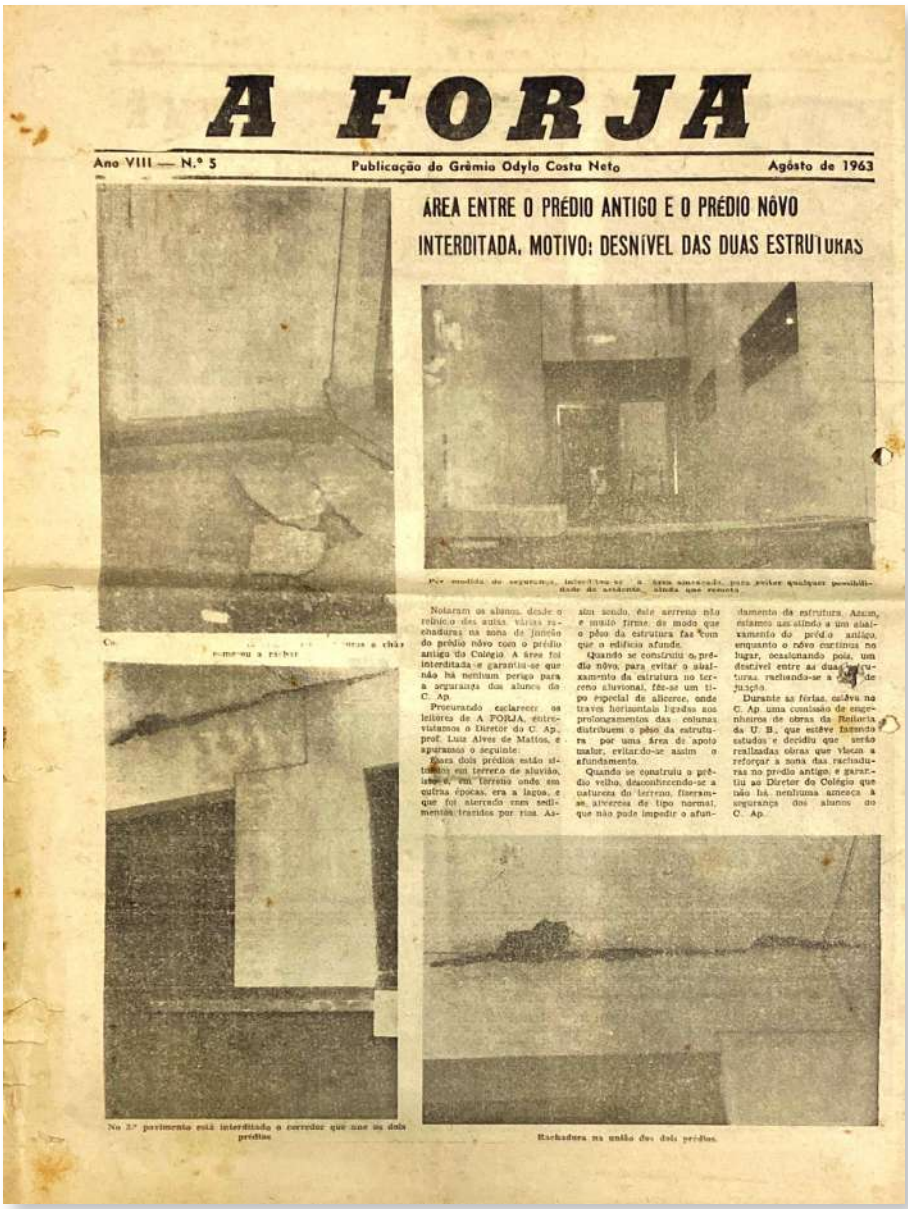
6 - iniciativa e senso de responsabilidade;

7 - imaginação criadora e auto-expressão.

ANEXO 9 - Capa da edição inaugural do jornal estudantil A Forja (1955)



ANEXO 10 - Contracapa do jornal A Forja, agosto de 1963, que retrata as áreas interditadas do colégio e suas precariedades estruturais



A FORJA

Ano VIII — N.º 5 | Publicação do Grêmio Odylo Costa Neto | Agôsto de 1963

ÁREA ENTRE O PRÉDIO ANTIGO E O PRÉDIO NÔVO INTERDITADA. MOTIVO: DESNÍVEL DAS DUAS ESTRUTURAS

Por medida de segurança, interditou-se a área circundante, para evitar qualquer possibilidade de acidente, ainda que remota

Notaram os alunos, desde o reinício das aulas, várias rachaduras na zona de junção do prédio nôvo com o prédio antigo do Colégio. A área foi interditada e garantia-se que não há nenhum perigo para a segurança dos alunos do C. Ap.

Procurando esclarecer os leitores de A FORJA, entrevistamos o Diretor do C. Ap., prof. Luiz Alves de Mattos, e agurando o seguinte:

Estes dois prédios estão situados em terreno de aluvião, isto é, em terreno onde em outras épocas, era a lagoa, e que foi aterrado com sedimentos trazidos por rios. Assim sendo, êste aterro não é muito firme, de modo que o pêso da estrutura faz com que o edifício afunde.

Quando se construiu o prédio nôvo, para evitar o afundamento da estrutura no terreno aluvional, fêz-se um tipo especial de alicerce, onde traves horizontais ligadas aos prolongamentos das colunas, distribuem o pêso da estrutura por uma área de apoio maior, evitando-se assim o afundamento.

Quando se construiu o prédio velho, desconhecendo-se a natureza do terreno, fizeram-se alicerces de tipo normal, que não pode impedir o afundamento da estrutura. Assim, estamos assistindo a um afundamento do prédio antigo, enquanto o nôvo continua no lugar, ocasionando pois, um desnível entre as duas estruturas, rachando-se a junção.

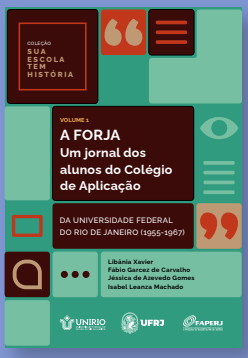
Durante as férias, estêve na C. Ap. uma comissão de engenheiros de obras da Reitoria da U. B., que estêve fazendo estudos e decidiu que serão realizadas obras que visam a reforçar a zona das rachaduras no prédio antigo, e garantiu ao Diretor do Colégio que não há, nenhuma ameaça à segurança dos alunos do C. Ap.

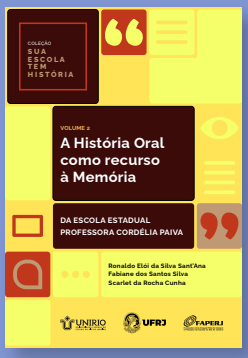
No 3º pavimento está interditado o corredor que une os dois prédios

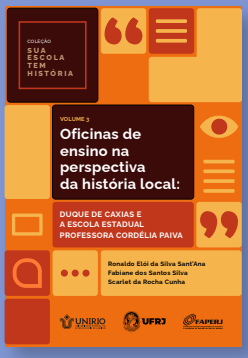
Rachadura na união dos dois prédios.

Esta coleção está disponível no link
https://pantheon.ufrj.br

Outros títulos da coleção:







SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

www.suaescolatemhistoria.com.br